



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO MUSEU NACIONAL

**MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUÍSTICA E LÍNGUAS
INDÍGENAS**

O NEOLOGISMO E O ARCAÍSMO EM TENETEHAR: ALDEIA COLÔNIA

Abiezer Pereira Olimpio



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO MUSEU NACIONAL

**MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUÍSTICA E LÍNGUAS
INDÍGENAS**

O NEOLOGISMO E O ARCAÍSMO EM TENETEHAR: ALDEIA COLÔNIA

Abiezer Pereira Olimpio

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Mestrado Profissional em Linguística e
Línguas Indígenas da Universidade Federal
do Rio de Janeiro como requisito para a
obtenção do Título de Mestre em Linguística e
Línguas Indígenas.

Orientadora: Profa. Dra. Jaqueline dos Santos Peixoto

Coorientador: Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte

Linha de pesquisa: Descrição, Análise e Documentação de Línguas Indígenas

Rio de Janeiro

2025

O46n Olimpio, Abiezer Pereira

O neologismo e o arcaísmo em Tenetehar: aldeia colônia / Abiezer Pereira Olimpio. – Rio de Janeiro, 2025.

136f.: il. (color)

Orientadora: Profa. Dra. Jaqueline dos Santos Peixoto
Coorientador: Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro :
Museu Nacional, Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas
– PROFLLIND, 2025.

1. Línguas indígenas. 2. Tenetehar/Guajajara. 3. Neologismos. 4.
Arcaísmos. 5. Cultura. I. Peixoto, Jaqueline dos Santos. II. Duarte. Fábio
Bonfim. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO MUSEU NACIONAL

MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUÍSTICA E LÍNGUAS INDÍGENAS

O NEOLOGISMO E O ARCAÍSMO EM TENETEHAR: ALDEIA COLÔNIA

Abiezer Pereira Olimpio

Orientadora: Profa. Dra. Jaqueline dos Santos Peixoto

Coorientador: Prof. Dr. Fábio Boonfim Duarte

Banca Examinadora

Presidente: Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte (POSLIN/UFMG)

Profa. Dra. Ana Claudia Menezes Araújo (UEMA)

Prof. Dr. Quesler Fagundes Camargos (PPGML/UNIR)

Profa. Dra. Marci Fileti Martins (PROFLLIND/UFRJ)

Profa. Dra. Beatriz Protti Christino (PROFLLIND/UFRJ)

Para minha avó, *in memoriam*.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho não é o resultado exclusivo de meus esforços e comprometimentos. Ao reconhecer isto, quero registrar meus sinceros agradecimentos àqueles que contribuíram com minhas pesquisas e estudos. Àqueles que me fizeram refletir sobre coisas que realmente possuem valor inestimável e insubstituível como a Família.

Em primeiro lugar, Deus, que possui uma mente que o homem jamais irá entender ou interpretar, e mesmo assim me concedeu graça e sabedoria para realizar este trabalho. À minha esposa, por ter sido uma auxiliar nas traduções de algumas palavras; às minhas duas filhas, Jennifer e Jully, ao meu filho Joshua. Aos meus pais, Sisinho e Tassila, que me deram a oportunidade de estudar, sem esquecer a língua materna, bem como a escrita. À minha avó, paterna, (*in memoriam*), que cuidou de mim quando comecei a estudar na cidade, convivência da qual surgiram algumas histórias citadas neste trabalho.

Agradeço aos meus colegas de curso do Mestrado em Linguística e Línguas Indígenas – PROFLLIND, embora haja um vazio definitivo deixado por aqueles que partiram, dentre os quais cito Alcery (*in memoriam*) sou grato a todos, pelo companheirismo e as alegrias que propomos uns aos outros, mesmo longe das nossas famílias. Às professoras Dra. Marília Facó, Jaqueline Peixoto, Marci Fileti Martins, Tânia Clemente, meu agradecimento especial a vocês pela paciência, pela compreensão e dedicação de tempo nas aulas on-line no período de pandemia.

Agradeço os professores indígenas Trajano Viriato, Ivanusa Ribeiro Carneiro, saudoso Tio, Cacique Arquileu Pereira da Silva, meu tio Teodomiro Mariano pelos conhecimentos sobre cultura e tradição, à minha irmã Glória, professora de vasta experiência na Educação Escolar Indígena. Quero também agradecer ao Professor Quesler Fagundes, que sempre se dispôs a me ajudar, mesmo à distância. Aos meus primos que sempre souberam brincar com as palavras em Guajajara e me inspiraram a me aprofundar nos conhecimentos. Agradeço também a Professora Síría Nepumoceno, da UNICENTRO – Universidade Centro Marenhense, de Barra do Corda – MA, pelo incentivo e por proporcionar pesquisas sobre a língua indígena Guajajara.

Por fim, ao meu orientador, professor Fabio Bonfim, pela paciência e, por compartilhar comigo conhecimentos que somente a experiência pode fundamentar. Agradeço pela dedicação em me acompanhar nesta fase de minha pesquisa e estudos. *Katuahy ty, a´e newe*. Agradecimento à todos estes que contribuíram comigo em todo esse processo.

*“Heze’eg haw iahyk haw ’ym wexak kar
herekuwe haw amo wanupe”*

Y’et Guajajara

*(Minha linguagem é infinita, e é a
prova de que ainda existo)*

RESUMO

Esta dissertação de mestrado tem por objetivo investigar os tipos de neologismos e de arcaísmos que vêm surgindo na língua Tenetehar/Guajajara. Objetiva ainda contribuir para identificar os neologismos, as palavras novas e os arcaísmos que existem na gramática da língua Tenetehar. Neste trabalho procurei demonstrar o risco que há com o surgimento dos neologismos, que surgem através de empréstimos linguísticos. Busquei enfatizar os neologismos semântico, morfológico e fonológico. Abordamos os neologismos híbridos (por prefixação, sufixação e, parassíntese). Investigamos também os neologismos formados por estratégias internas à língua Tenetehar/Guajajara, tais como os neologismos por derivação sufixal (NDS); os neologismos por derivação prefixal (NDP); os neologismos por adequação da própria língua Tenetehar Guajajara. Por fim conceituamos e exemplificamos os Arcaísmos, principalmente os que coletamos na aldeia Colônia.

Palavras-chave: Línguas Indígenas, Tenetehar/Guajajara, neologismos, arcaísmos, cultura.

ABSTRACT

This master's dissertation aims to investigate the types of neologisms that have been emerging in the Tenetehar/Guajajara language and the types of archaisms. And, through the research carried out, it aims to contribute to identifying the neologisms, new words and archaisms that exist in the grammar of the Tenetehar language. In this work I tried to demonstrate the risk of the emergence of neologisms, which arise through linguistic borrowings. On the other hand, I emphasize semantic, morphological and phonological neologisms. We list the hybrid neologisms (by prefixation, suffixation and parasynthesis). We also discuss neologisms formed by strategies internal to the Tenetehar/Guajajara language, neologisms by suffixal derivation (NDS), neologisms by prefixal derivation (NDP), neologisms by adaptation of the Tenetehar Guajajara language itself, and we conceptualize and exemplify the Archaisms, increasingly evident in the Colônia village.

Keywords: Indigenous Languages, Tenetehar/Guajajara, neologisms, archaisms, culture.

LISTA DE ABREVIATURAS

ADV= advérbio

DEM= demonstrativo

DESC= descritivo

DIM= diminutivo

ENF=ênfase

FUT= futuro

INTS= intensificador

NEG= negação

NOML= nominalizador

PASS=passado

PL= plural

POSP= posposição

PPOSS= pronome possessivo

REFLEX= reflexivo

R= relacional

SG= singular

TRANSL=translinguagem

VLZ= verbalizador

LISTA DE MAPAS

	Pág.
Mapa 1.....	29
Mapa 2.....	40

LISTA DE QUADROS

	Pág.
Quadro 1.....	32
Quadro 1.....	33

LISTA DE TABELAS

Quadro 1.....	39
----------------------	-----------

Sumário

	pág
INTRODUÇÃO.....	17
1.1. JUSTIFICATIVA.....	20
1.2. METODOLOGIA.....	22
CAPÍTULO 2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O POVO E A LÍNGUA	
GUAJAJARA.....	28
2.1. NÚMERO DE FALANTES DA LÍNGUA GUAJAJARA.....	35
2.2. TERRA INDÍGENA CANA BRAVA GUAJAJARA E A LÍNGUA	
GUAJAJARA.....	39
2.3. QUESTÕES SOCIAIS.....	44
2.4. COSMOLOGIA TENETEHAR.....	47
2.5. ASPECTOS DA VIDA SOCIAL NAS ALDEIAS.....	55
2.6. NOTAS SOBRE O SURGIMENTO DA ALDEIA COLÔNIA.....	59
CAPÍTULO 3: APORTE TEÓRICO.....	66
CAPÍTULO 4: ARCAÍSMOS E NEOLOGISMOS NA LÍNGUA TENETEHAR.....	88
4.1. FORMAÇÃO DOS NEOLOGISMOS.....	91
4.1.1. EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS.....	93

4.1.2. NEOLOGISMOS POR DERIVAÇÃO PREFIXAL (NDP).....	96
4.1.3. NEOLOGISMOS FORMADOS POR ESTRATÉGIAS INTERNAS À LÍNGUA TENETEHAR/GUAJAJARA.....	94
4.1.4. NEOLOGISMOS POR DERIVAÇÃO SUFIXAL (NDS).....	110
4.1.5. NEOLOGISMOS POR ADEQUAÇÃO DA PRÓPRIA LÍNGUA TENETEHAR GUAJAJARA.....	112
4.1.6. NEOLOGISMOS DA PRÓPRIA LÍNGUA TENETEHAR GUAJAJARA.....	117
4.2. Os ARCAÍSMOS.....	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
REFERÊNCIAS.....	132

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem por objetivo investigar os tipos de neologismos que vêm surgindo na língua Tenetehar e os tipos de arcaísmos que estão caindo em desuso. O intuito é contribuir para identificar os neologismos, as palavras novas e os arcaísmos que existem no léxico da língua Tenetehar. Destacamos a importância de discutir sobre neologismos e arcaísmos sob a perspectiva de contato. Assim sendo, procuramos identificar as principais palavras e expressões que se tornaram arcaicas e/ou constituem neologismos. Mais precisamente, pretendemos identificar os neologismos e arcaísmos que são produzidos pelos falantes da língua Tenetehar que habitam a Aldeia Colônia, conforme são mostrados pelos exemplos abaixo:

. NEOLOGISMOS

(1) *hamete* que surge em substituição a *azeharomoete*. Estes vocábulos significam ‘verdade’, expressão que dá ‘afirmativo’ a um enunciado. (Não isento, o fato que ainda há comunidades que fazem o uso do *azeharomoete*).

(2) *kàpitàw* que substitui *tuixaw* ou *tuihaw*. Estes vocábulos significam ‘Cacique’, ou uma ‘autoridade qualquer’.

(3) ‘reunião’ que substitui *zemono’og haw*, que significa ‘reunião de pessoas’

(4) ‘palestrar’ que substitui *ma’e imume’u haw zeupeupe*, que significa ‘diálogo entre pessoas’;

. ARCAÍSMOS

(5) ‘*muipyr*’ entrou em desuso e foi substituído por “*mekuzar*. Estes vocábulos significam ‘pagar algo’.

(6) *tuixaw* ou *tuihaw* entrou em desuso e foi substituído por *kàpitàw* ou *cacique*. Uma referência a Cacique ou uma autoridade qualquer.

O estudo dos fenômenos acima explicita fatos de variação e mudança linguística ligados ao contato linguístico. A partir disso, o estudo desses fenômenos pode contribuir para a compreensão mais acurada sobre a constituição do léxico Guajajara, especialmente pela variedade falada na aldeia Colônia. As análises neste trabalho envolvem o contato linguístico dos povos indígenas Tenetehar, subdivididas em duas etnias: Os Tembé, no Estado do Pará, e os Guajajara no Maranhão. O corpus que analisamos foi colhido principalmente entre os Tenetehar/Gujajara, residentes na Aldeia Colônia, Terra Indígena Cana Brava Guajajara, localizada no município de Barra do Corda-MA.

Outro objetivo desta dissertação é promover, documentar e descrever a língua Guajajara, que ainda é muito pouco estudada, no intuito de fomentar a valorização da língua. Acreditamos que, assim, podemos também contribuir com a educação, visto que é, no âmbito da educação escolar indígena, que ocorre uma das formas de contato entre a língua portuguesa e a língua da comunidade indígena, pois a maioria dos docentes faz uso do português.

A dissertação está organizada em quatro capítulos. O capítulo 2 propõe uma descrição sobre a língua Tenetehar e os povos indígenas Tenetehar. Apresentamos ainda a família linguística a que a língua está afiliada. O capítulo três trata da situação demográfica dos povos indígenas no Brasil, onde buscamos trazer para o contexto o número de povos e línguas existentes no país, especificando o estado do Maranhão, onde estão os Tenetehar/Guajajara. Já o capítulo 4 apresenta o aporte teórico, onde fundamentamos o que vem ser neologismos, empréstimos linguísticos e aos arcaísmos. Por fim, o capítulo 5 trata da problemática influenciada pelos surgimentos de neologismos, empréstimos linguísticos e arcaísmos. Abordamos o surgimento e a formação de neologismos, trazendo para o âmbito de estudo os empréstimos linguísticos. O último capítulo apresenta as considerações finais.

1.1. Justificativa

Conhecer a cultura indígena a partir de dados científicos ou por meio de relatos de experiência de pesquisadores é importante. Mas, ouvir um indígena como protagonista de sua própria história falando sobre a sua cosmovisão, seus métodos próprios de aprendizado e de transmissão de conhecimentos na sua própria língua, é totalmente diferente além de extraordinário. Partindo desse pressuposto, para implantação e implementação da política pública de desenvolvimento escolar indígena de qualidade e com responsabilidade, é preciso conhecer a cultura, valorizar e respeitar a diversidade que está inserida nesse contexto. E isso evidencia que não se deve apenas incentivar os alunos a estudar, mas conhecer de fato o âmbito de convivência dos alunos, que inclui as influências culturais, linguísticas, sociopolíticas e econômicas, tanto interna (dentro da aldeia) e/ou principalmente, externa (que surgem da cidade pra aldeia). A presença de neologismos e arcaísmos nas aldeias é apenas uma das temáticas que precisam ser abordadas, mas neste momento se constitui uma necessidade, pois tende a despertar reflexões sobre a constituição de processos educativos inclusivos voltados para a valorização da Língua indígena Tenetehar Guajajara. Desta forma, torna-se oportuno trabalhar a temática

envolvendo neologismos e arcaísmos presentes na comunidade da Aldeia Colônia, envolvendo a preservação linguística e estreitar a relação dos jovens indígenas com o processo de revitalização da língua materna. Não que esta esteja morta, ao contrário, o processo de documentação linguística pode ajudar a evitar que as novas palavras adaptadas tomem espaço maior e acabem tornando o termo original. Existem muitas palavras que fazem uma mistura de português com Tenetehar Guajajara, o que não é bom para a língua materna. Agindo desta forma podemos tratar do assunto sem incorrer em preconceito linguístico. Assim, ao analisar fenômenos linguísticos, este trabalho visa promover, documentar e descrever a língua Guajajara para outras pesquisas.

Na visão de alguns professores indígenas e não indígenas, há uma explicação sobre neologismos na aldeia Aldeia Colônia, ou seja, assumo que o fato de que todas as línguas tomam emprestadas palavras de outras é uma coisa normal. Ademais, considero que as línguas não correm o risco de desaparecer só por causa dos empréstimos. Por outro lado, algumas lideranças afirmam que isso pode significar um enriquecimento para a língua que os absorve, e isso traz mais uma ressalva, que não se deve ir pegando qualquer coisa, sem pesquisar se tem uma palavra ou modo de dizer a mesma coisa na língua materna,

em vez de ir logo usando a palavra estrangeira. Algumas palavras “*estrangeiras*” já estão na fala das pessoas, embora haja palavras da própria língua para expressar o que se quer falar, mas se fala uma palavra do português, ao invés da língua materna. Este trabalho envolve pesquisa na aldeia, junto com os mais velhos e com toda a comunidade, para ver se além dos empréstimos, os neologismos e os arcaísmos.

1.2. Metodologia

A metodologia do trabalho foi feita a partir da elaboração de frases curtas que contenham arcaísmos ou neologismos, a partir do que eu ouvia a minha avó falar, quando estava entre os irmãos e primos delas. Com as frases e palavras coletadas, durante a fala da minha avó, orientei que as frases fossem lidas e escritas sob a ótica dos falantes nativos da Aldeia Colônia. Além disso, foram feitas rodas de conversa sobre o assunto com lideranças Guajajara de outras Terras Indígenas. Estive em alguns eventos culturais na Terra Indígena Araribóia, Bacurizinho e na Rodeador, onde pude expor os riscos de perder palavras da língua materna, citando palavras e frases que a minha avó usava com frequência. Em resposta, as lideranças indicaram também

algumas palavras que não se usam mais, e outras novas que estão surgindo devido à necessidade na comunicação.

Na aldeia Colônia, os indivíduos foram divididos em grupos de diferentes faixas etárias. A partir desse contexto, foi possível propor debates entre as pessoas que aceitaram falar acerca do assunto, tendo por base algumas das palavras que minha avó falava, e outras que estão surgindo. Por outro lado, foram feitas pesquisas em sites, livros e revistas que tratam da temática, com a finalidade de fazer revisão bibliográfica acerca do assunto.

Fizeram parte também, alguns educadores indígenas e não indígenas que deram contribuições teóricas, com intuito de fortalecer e enriquecer o debate de ideias sobre o assunto, a partir desse ponto não somente as palavras ou frases que a minha avó usava, mas acrescentando os exemplos indicados por outros falantes, que exemplificam tanto os neologismos como os arcaísmos. Desta forma é possível fazer a abordagem com um movimento coletivo de reflexão para a construção de parâmetros que elucidam a prática e a existência de neologismos e arcaísmos na Aldeia Colônia e adjacências.

Este trabalho, além de conter dedicatória à minha avó¹ paterna, que foi uma grande matriarca da minha família, criou os três filhos como viúva, e ajudou a criar os netos. Apesar de não ser uma Liderança, a partir de minha avó a pesquisa traz ainda as opiniões de uma mulher indígena que não sabia ler nem escrever, mas que possuía na sua oralidade riquezas culturais inimagináveis, além de uma sabedoria única. Uma falante nativa, que mal falava o português, mas que nos me ensinou palavras como: *“zeruze’egatu haw amo rehe”*, frase em desuso, substituído por *“respeito”*. Minha vó dizia que o conhecimento que estávamos buscando, era bom, mas ao mesmo tempo ruim, pois poderia comprometer *“nossa forma de falar”*.

Desta forma, a convivência com a minha avó fundamentou a importância de fazer uma pesquisa sobre a Língua Guajajara, que embora não esteja mais presente, o que ela falou possui um peso enorme no âmbito sociolinguístico. Na mesma proporção, é importante enfatizar que, apesar de não ser uma liderança, a minha avó se destacou como mãe, e isso nos remete a visão que é preciso fundamentar, ou seja, antes de ser líder mulher, a maioria são mães.

¹ Minha Vó Paterna se chamava Aldecilia Olímpio. Faleceu aos 102 anos, de causas naturais.

Com a minha vó pude aprender a importância da Festa do Moqueado, ou Festa da Menina Moça, ou ainda como ela dizia: “*Wira’o Haw*”. A minha vó teve a oportunidade de ver mudanças significativas do contexto sociolinguístico dos povos indígenas Tenetehar/Guajajara, e ela deixou um pedido da seguinte forma: “*Estudem, aprendam, mas não esqueçam da Língua Materna, o nosso Ze’egete*”. Desta forma, a minha vó contribuiu para a construção do que tratamos neste trabalho, deixando os seguintes arcaísmos: ‘*pytehok*’ (espaço no meio); *Muipyr* (pagar); *zet* (não! Deixa!); “*Ekwar ho ri*” (Pega lá), etc. São palavras que geralmente se falavam na região da Aldeia Canabrava, próximo ao município de Jenipapo dos Vieiras - MA.

Outro indígena que contribuiu muito para a construção deste trabalho, foi o saudoso Cacique Arquileu Pereira Da Silva², que mesmo vitimado por uma enfermidade crônica, deixou seu legado de luta para manter a cultura e a tradição. Dava ênfase à importância dos estudos linguísticos e ao uso constante da língua materna na comunicação entre os mais jovens. Pude apresentar a ele algumas palavras e frase que coletei, e ele exemplificou outros que inseri no trabalho. Ele sempre dizia: “*Napeiko kwaw hezàwe*”, frase em desuso substituída por “*Nahezàwe*

² Cacique que substituiu o pai, Silvano Pereira da Silva, fundador da Aldeia Colônia. Arquileu Pereira da Silva, descansou após anos de luta contra a diabetes.

kwaw pe kury”. Era uma forma de demonstrar a preocupação com a manutenção da língua. Com a frase ele queria dizer que as coisas não seriam no futuro como eram no tempo dele. Durante a última conversa com ele, no período pós pandemia ele disse que: *“Um povo que tem identidade e não sabe defendê-la, é desinformado demais”*. Partindo do entendimento que a Língua Materna é parte da nossa identidade, a frase passa a fazer sentido por querer focar nos neologismos, empréstimos linguísticos e arcaísmos.

Tive ainda, a oportunidade de sentar com alguns professores indígenas, que possuem uma longa carreira na área do ensino, que defendem a necessidade de se fazer estudos sobre a cultura e a língua. Que contribuíram com algumas palavras que inserimos no trabalho.

A possibilidade de saber escrever a língua indígena Tenetehar/Guajajara, eu devo ao meu pai e minha mãe. Principalmente ao meu pai que escreve muito bem na língua indígena Tenetehar, além de saber falar muito bem. Meus pais também contribuíram com algumas palavras, exemplificando neologismos e arcaísmos. Neste sentido, o que estou colocando neste trabalho foi fruto de anos de aprendizado com a minha vó e com meus pais. Mesmo criado em um contexto totalmente não indígena, minha vó conversava muito comigo e com meus primos.

Como já disse, ela foi uma matriarca, criou os três filhos e ajudou a criar os netos, durante a maior parte de minha vida como estudante, ela estava lá comigo e meus primos, cuidando de nós a maior parte do tempo.

CAPÍTULO 2: CONSIDERAÇÕES SOBRE POVO E A LÍNGUA GUAJAJARA

O texto de Schröder (2002), intitulado “*Os Índios do Maranhão. O Maranhão dos Índios*”, produzido pela *Associação Calo Ubbiali e EKOS – Instituto para a justiça e a equidade*, em parceria com o ISA³ (*Instituto Sócio Ambiental*), nos traz a possibilidade de imaginar como se deu a ocupação territorial dos Povos Indígenas, antes da chegada dos europeus no estado do Maranhão. Em conformidade com essa obra, “*em 1500, na época da chegada dos portugueses ao Brasil, os povos que viviam ao longo da costa eram os Tupi [ou os Tupinambás]. Estes tinham escorraçado os povos de língua e cultura Jê para o interior do Brasil.*”

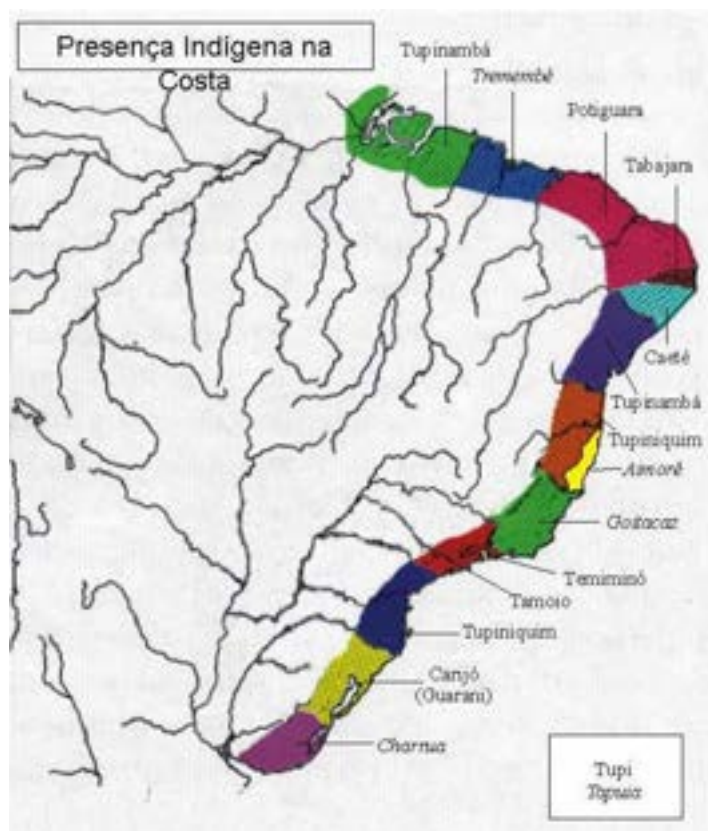
Todavia, Duarte (2016, p. 2) ressalta que:

A mesma situação se observa em relação aos índios Tupinambás que habitavam a faixa litorânea do território brasileiro. Dados etnográficos disponíveis apontam que os aldeamentos tupinambás compunham-se de uma população bastante elevada para a época e que se estendiam desde onde hoje situa o estado do Pará até o Rio de Janeiro. A exceção, todavia, era a divisa entre o Ceará e o Maranhão, a região da foz do rio Paraíba, a região limítrofe entre o sul da Bahia e o norte do Espírito Santo, tendo em conta que, nessas regiões, predominavam grupos étnicos pertencentes ao Tronco Macro-Jê, conforme mostra o mapa da presença dos vários subgrupos Tupinambás que se distribuíam pela costa do Brasil. (p.2)

³ Disponível em: <acervo.socioambiental.org> Acesso em: 18/12/2024

Desta forma, entendemos que “os Tupi” de que trata a obra acima, na verdade, eram “Os Tupinambás”, sob o ponto de vista linguístico, já que o Tupi se refere ao nome do tronco linguístico e o Tupinambá é uma das várias línguas que compõe a família linguística Tupí-Guaraní. (Ver Mapa 1 abaixo).

Mapa 1.



Fonte: Adaptado do Artigo “Diversidade linguística no Brasil”⁴

⁴ DUARTE, Fábio Bonfim. Diversidade linguística no Brasil. Revista Caletoscópio. Ouro Preto, MG - UFOP, 2016b.

O que observamos neste mapa é a “confirmação das informações retirados a partir de estudos advindos da arqueologia e da antropologia, [que] permitem-nos afirmar com certa segurança que, na costa do Brasil, vivia uma população que era homogênea em termos linguísticos e culturais” (Duarte, 2016, p.3). Conforme esse autor, estima-se que na faixa litorânea havia uma grande população indígena, cerca de 1 milhão de pessoas da etnia tupinambá. Entretanto, é necessário explicitar mais sobre os troncos linguísticos, para então entender alguns equívocos relacionados à etnia.

Schöder (2002. p. 5) reconhece e enfatiza, que

os Tupi são extremamente místicos, mesmo que não o manifestam de forma explícita através de muitas cerimônias e festas, [...], em geral a cultura global dos Tupi é mais ‘oculta’, não visível e imediata.” E ainda discorrem que “os Tupi empregam a totalidade das relações sociais, políticas e econômicas, e não se manifesta necessariamente através de ritos, cerimônias, enfeites e adornos espetaculares. (.p. 5).

Duarte, (p. 20, 2007.), afirma que “*no universo das línguas indígenas brasileiras, reconhece-se a existência de dois grandes troncos – o Tupi e o Macro-Jê - e 19 famílias linguísticas que não apresentam*

taxas de semelhanças suficientes para que possam ser agrupados em troncos.” Entretanto, vamos nos limitar ao tronco linguístico Tupi.

De acordo com Dietrich, (2010, p. 9), o que conhecemos como “tupi” na tradição brasileira a partir do século XIX corresponde, a uma realidade linguística complexa. O tupinambá, língua extinta desde a primeira metade do século XVIII, (Rodrigues, 1996, p. 57), foi uma das línguas da família linguística tupi-guarani. Ainda de acordo com Rodrigues, (1996, p.57),

o tupinambá é uma língua indígena da Família Tupi-Guarani, falada em grande parte da costa atlântica do Brasil, a qual foi amplamente documentada nos séculos XVI e XVII, mas que foi deixando de ser falada, principalmente devido ao extermínio de sua população, num processo que praticamente se concluiu na primeira metade do século XVIII. (p.57)

A partir da perspectiva apontada até aqui, há o tronco linguístico Tupi e há a família Tupi-Guarani. A língua Tupinambá era falada pelos habitantes da costa brasileira quando da chegada dos europeus no Brasil. **(Ver Quadro 2)**. O termo tupi-guarani na literatura técnica se refere à família linguística que pertence, por exemplo, o Guajajara, o Tembê, o Tupinambá, o Ka'apor, o Guajá dentre tantas outras línguas. Desse modo, é possível afirmar que a família tupi-guarani se constitui de subgrupos de línguas, que possuem correspondências *“regulares de sons, de palavras e de formas gramaticais. A língua ancestral, postulada*

Ao discorrer sobre o texto do livro “*Os Índios do Maranhão. O Maranhão dos Índios*”, destacamos o seguinte trecho:

No século XVII, a população indígena no estado do Maranhão, era formada por aproximadamente 250.000 pessoas. Faziam parte dessa população cerca de 30 etnias diferentes; a maioria delas, hoje, não existe mais. Povos indígenas como os Tupinambá que habitavam a cidade de São Luís, os Barabado, os Amanajó, os Tremembé, os Araiões, os Kapietrã, entre outros, foram simplesmente exterminados ou dissolvidos social e culturalmente. Outras etnias existentes na época, como os Krikati, Canela, Guajajara-Tenetejar e Gavião, continuam presentes até hoje. São notórias as causas do desaparecimento de cerca de 20 povos indígenas no Maranhão: as guerras de expedição para escravizar, as doenças importadas, a miscigenação forçada, a imposição de novos modelos culturais, entre outras. (p.3).

Desta forma é possível afirmar que os Tenetejar/Guajajaras possui uma longa e particular história de contato com a população não indígena. Estudos apontam que o primeiro contato pode ter acontecido em 1615, às margens do rio Pindaré, com uma expedição exploradora francesa. A publicação enfatiza ainda que “*Os Tenetejar foram assolados pelas expedições escravagistas dos portugueses no médio Pindaré*”. Então o contato nem sempre foi pacífico, e isso trouxe grandes mudanças no contexto sociolinguísticas para os povos indígenas do vale do Pindaré e do Maranhão como um todo.

Os povos Guajajara/Tenetejar, são conhecidos como um dos maiores povos indígenas do Brasil e habitam a região das florestas amazônicas, localizadas nos vales dos rios Pindaré, Mearim, Grajaú, Buriticupu, no estado do Maranhão. De acordo com o site superinteressante⁶, os indígenas Tenetejar/Guajajara ocupam a sexta posição de um *ranking*, constituído por dez diferentes etnias. Os povos indígenas mais numerosos são os Guarani, os Ticuna, os Kaingang, os Makuxi, os Terena, os Yanomami, os Pataxó, os Potyguara e também os Tenetejar, incluindo os Tembé e os Guajajara.

2.1 NÚMERO DE FALANTES DA LÍNGUA GUAJAJARA

Conforme os dados do Instituto Socioambiental (ISA), o povo Tenetejar/Guajajara compõe uma das etnias mais numerosas do Brasil. Segundo mesmo Instituto, tendo por base o Censo do IBGE de 2010, mais de 8.000 indivíduos falavam a língua Guajajara⁷. E atualmente, o número de falantes é mais que o dobro, pouco mais de 22 mil pessoas,

⁶ Artigo atualizado em 2024. “Quais são os povos indígenas mais numerosos do Brasil? Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quais-sao-os-povos-indigenas-mais-numerosos-do-brasil>> Acesso em: 05.02.2024

⁷ Disponível em: <<http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/ma-povo-guajajara-e-a-violencia-de-madeireiros-no-maranhao/>> Acesso em: 11/12/2024

consoante o Censo de 2022, do IBGE⁸. Não obstante, falar do Povo Guajajara, da Terra Indígena Cana Brava Guajajara, passa pelo triste episódio de submissões, revoltas e grandes tragédias. Como já foi dito antes, *a revolta de 1901 contra os missionários Capuchinhos*, mais conhecida como “Massacre de Alto Alegre⁹”, segundo o site *pib.socioambiental.org*.

Conforme divulgado pela Revista Porantim¹⁰, Conselho Missionário Indigenista - CIMI¹¹, em 2008, parte das terras dos Guajajara no Maranhão foi titulada na década de 1980, e aldeias importantes não tiveram o processo de homologação concluído. Desde que a Fundação Nacional do Índio - FUNAI retomou os processos, em 2001, os conflitos entre a população indígena e os madeireiros se acirraram. De acordo com o estudo intitulado “Dados sobre violência contra os Indígenas” do CIMI, de 2017, das 13 Terras Indígenas (TIs) em pendência de regularização no Maranhão, encontram-se duas TI’s do povo Guajajara:

⁸ Disponível em: <<https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2023/08/07/censo-2022-maranhao-e-3o-estado-com-maior-populacao-indigena-do-nordeste-mais-de-72percent-vive-dentro-de-territorios-indigenas.ghml>> Acesso em: 11/12/2024

⁹ Povo Indígena da etnia Guajajara. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guajajara> Acesso em: 11/12/2024

¹⁰ O **Porantim** é o jornal impresso do Cimi, criado em 1979, ainda em meio à Ditadura Militar. Na língua de nação indígena Sataré-Mawé, “Porantim” significa *remo, arma, memória*.

¹¹ Disponível em: <<https://cimi.org.br/jornal-porantim/>> Acesso em: 11/12/2024

Bacurizinho (demarcada e homologada) e Vila Real (em processo de identificação).

Estudos mostram que os Tenetehar Guajajara é o povo mais numeroso que habita o Maranhão, e um dos povos indígenas mais numerosos que habitam no Brasil, conforme já foi mencionado anteriormente. Estão distribuídas em mais de 8 Terras Indígenas, ao leste da floresta amazônica, todas situadas no estado do Maranhão. Segundo o Sistema de Informação da Saúde Indígena -SIASI, estamos tratando de pouco mais de 28 mil indígenas, da etnia Guajajara no Maranhão, (BRASIL, 2023¹²), dos quais a maioria são falantes da Língua Materna, Guajajara ou o Ze'etege, do tronco linguístico Tupi.

Segundo Rodrigues (1986), as terras indígenas geograficamente localizadas no estado do Maranhão possuem povos que estão afiliados a dois troncos linguísticos. Do tronco tupi, temos as línguas *Awá*, *Ka'apor*, *Tenetehar*, todas pertencentes à família tupí-guarani. Já afiliadas ao tronco Macro-Jê, há as línguas *Krikati*, *Pukob'gateyê*, *Ramkokramekrá*, *Apaniekrá*, *Krepumkateyê*, todas pertencentes à família Jê, grupo timbira.

¹² BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria da Saúde Indígena. Plano Distrital da Saúde Indígena – DSEI MARANHÃO 2024-2027

A denominação Guajajara não tem um significado exato, embora haja discussões em prol de várias teorias. Uma delas seria que a explicação do nome Guajajara é “donos do cocar”. Por outro lado, existe a autodenominação do povo Guajajara que, entre si, se chamam de Tenetehar, que significa “verdadeiro homem”. Em geral, como neste trabalho o termo Guajajara sempre está acompanhado do nome Tenetehar, assumirei que o termo Tenetehar Guajajara significa “indígena Guajajara”.

Todas as terras Indígenas habitadas pelo povo Tenetehar Guajajara estão situadas do centro ao centro sul maranhense, principalmente às margens dos rios Pindaré, Grajaú, Mearim e Zutiwa. A preservação das florestas em algumas Terras Indígenas está comprometida, embora a maioria seja coberta por florestas amazônicas em transição com o cerrado.

Segundo o site do G1, sobre o Censo/IBGE/2022¹³, o Maranhão ocupa o oitavo lugar no ranking geral dos estados brasileiros que possuem população indígena. Há 20 territórios indígenas, dos quais 17 já estão demarcados. No entanto, limitamo-nos a fazer um breve relato das Terras

¹³ Disponível em: <<https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2023/08/07/censo-2022-maranhao-e-3o-estado-com-maior-populacao-indigena-do-nordeste-mais-de-72percent-vive-dentro-de-territorios-indigenas.ghtml>> Acesso em: 11/12/2024

ocupadas por indígenas da etnia Guajajara, conforme mostra a tabela 1 abaixo:

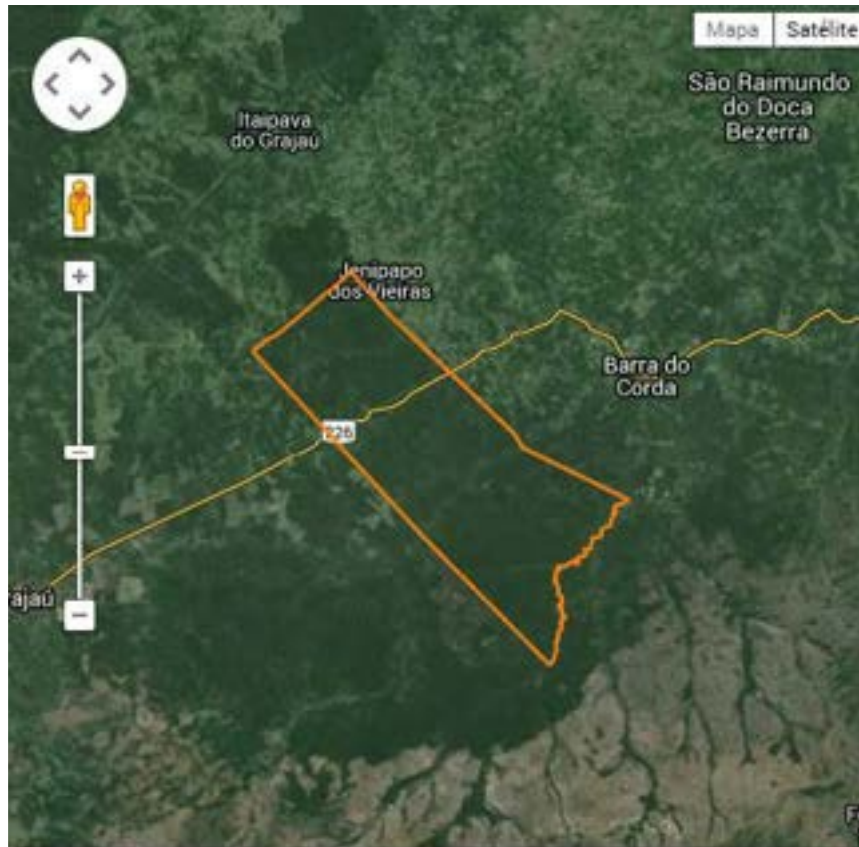
Tabela 1.

Terras Indígenas	Municípios	Extensão (ha)
Araribóia	Amarante, Grajaú, Santa Luzia	413.288
Bacurizinho	Grajaú	82.432
Cana-Brava	Barra do Corda, Grajaú	137.329
Caru	Bom Jardim	172.667
Lagoa Comprida	Barra do Corda	13.198
Morro Branco	Grajaú	49
Rio Pindaré	Bom Jardim, Monção	15.002
Rodeador	Barra do Corda	2.319
Urucu-Juruá	Grajaú	12.697

Fonte: Adaptado pelo Autor, dados do IBGE 2000.

2.2. TERRA INDÍGENA CANA BRAVA GUAJAJARA E A LÍNGUA GUAJAJARA

Mapa 2. Imagem da TI Cana Brava Guajajara.



Fonte: <http://ti.socioambiental.org/pt-br/#!/pt-br/terras-indigenas/3657>

Com uma extensão territorial de 137.329 hectares, a Terra Indígena Cana Brava Guajajara possui uma população demográfica em torno de 17.000 indígenas, com pouco mais de 329 aldeias. Embora sejam dados que geram dúvidas, mas é o número mais aproximado segundo o DSEI/MA 2018. Há uma clara dispersão do povo indígena no interior do Maranhão. O município de Barra do Corda - MA, é banhado

por dois rios, o rio Mearim e o rio Corda. São dois rios de suma importância para os povos indígenas, pois a maioria das aldeias dos povos Tenetehar/Guajajara era situada às margens desses rios até o final do século XIX.

A busca por oportunidades, os conflitos internos envolvendo política interna e o envolvimento de não indígenas na política fizeram com que algumas das maiores aldeias se subdividissem, abrindo caminhos para o surgimento de novas aldeias. E hoje, percebe-se um grande número de aldeias, algumas de difícil acesso e com pouca população, situação que agrava a situação de vulnerabilidade na área da saúde e educação.

Na Terra Indígena Cana Brava Guajajara, a língua que os Tenetehar/Guajajara utilizam é do Tronco Tupi, da Família linguística Tupi-Guarani, mais conhecida como língua Guajajara ou “ze’égete”, que traduzido para a língua portuguesa significa “a fala boa”. A maioria dos indígenas da TI Cana Brava Guajajara falam a língua materna, mas o uso constante da língua portuguesa é preocupante, pois é usada na maior parte do tempo entre eles próprios. Em reuniões *in loco*, mesmo com a presença predominante de Caciques e Lideranças indígenas, a língua portuguesa é utilizada na maioria das vezes. Dessa forma, o contexto

exige uma necessidade urgente de repensar a questão linguística no contexto das comunidades indígenas Tenetehar/Guajajara. A língua indígena é parte do ser indígena. E neste caso específico os Guajajara precisam conhecer a si mesmo, seja conceitual ou sob a ótica sociolinguística quando Melatti, pressupõe que,

O nome - tupi pode ser usado em três níveis de abrangência. No sentido mais estrito, é o nome da língua falada pelos indígenas do litoral, quando chegaram os europeus. Em outro nível, este nome é agregado ao nome —guarani, para denominar uma família linguística, a tupi-guarani, da qual faz parte a referida língua litorânea. E, num nível ainda mais elevado, —tupi é o nome de um tronco linguístico, além de outras mais. É, pois, necessário cuidar para que não se confundam os diferentes sentidos do termo —tupi. (MELATTI: 2007, p. 61)

O enunciado aponta fatos que não são observados pelos falantes indígenas. Desta forma, entendemos que a preocupação com língua possui um fundamento. Na mesma proporção de não conhecimento conceitual, é a desinformação sobre os vários fenômenos da língua. Na da TI Cana Brava Guajajara, por exemplo, a variação linguística da língua Tenetehar/Guajajara é razão e conflitos. Neste sentido, se faz necessário obter conhecimentos, que contribua para o, entendimento das variações linguísticas internas à TI Cana Brava Guajajara, bem como buscar conceitos sobre as famílias linguísticas.

Uma importante informação sobre família é que, de acordo com Camargos (2017), a língua Tenetehar pertence à família tupi-guarani, conforme abaixo:

“A família linguística Tupí-Guaraní compreende um total aproximado de 40 línguas indígenas, as quais se relacionam profundamente, tendo em vista que compartilham muitas propriedades gramaticais. Essa família, por sua vez, relaciona-se com outras nove famílias linguísticas (Arikém, Juruna, Mondé, Mundurukú, Tupari, Ramarama, Aweti, Sateré-Mawé e Puruborá - estas três últimas famílias são compostas por apenas uma língua), as quais compõem o tronco linguístico Tupi”. (Camargos, 2017. p. 89.)

Além da variação linguística da língua Guajajara, e das variações individuais do uso linguístico presentes entre os povos indígenas Tenetehar, há presença de neologismos e arcaísmos em todas as aldeias que compõem a Terra indígena Cana Brava Guajajara. Segundo Rodrigues (1994), as línguas indígenas do Brasil são bastante diversificadas, o que permitiu classificá-las segundo critérios genéticos obedecendo a graus de semelhanças entre as línguas. Já foi mencionado anteriormente, que no Brasil, temos dois grandes troncos, o Tupi e o Macro-jê. O primeiro é um dos maiores troncos linguísticos do país. Entre as dez famílias linguísticas que compõem, falada pelos indivíduos situados nos limites do território brasileiro, ao sul do Rio Amazonas, está a família Tupi-Guarani, onde está o Ze'ete, a língua falada pelos

Tenetehar/Guajajara. Neste trabalho, nos delimitamos a aldeia Colônia, onde temos o tronco tupi, da Família Tupi-Guarani, a língua dos Tenetehar/Guajajara, que habitam nesta aldeia.

2.3. QUESTÕES SOCIAIS

No que diz respeito à questão social, as aldeias dos Tenetehar não possuem uma característica homogênea em todas as terras nos dias atuais. Antigamente, os relatos de alguns pesquisadores apontam que as aldeias tinham uma forma típica, compridas beirando uma estrada, por exemplo. Outras eram arredondadas e quadrangulares, como é o caso das aldeias de alguns indígenas afiliados ao tronco linguístico Macro-Jê.

Algumas características ancestrais ainda persistem como o fato de a localização de algumas aldeias se dar próxima aos rios ou lagoas. O número de aldeias vem crescendo a cada dia e são compostas por ruas. As maiores aldeias possuem até ruas principais e ramificações. Algumas aldeias são mais ousadas, possuem até bairros e nomes de ruas, como acontece na Aldeia Três Irmãos, próximo à Aldeia Colônia; na Aldeia Coquinho, às margens da BR-226 e, como é o caso da Aldeia

El Betel, também às margens da BR-226. Dessa forma é possível afirmar que muito da identidade dos povos indígenas Tenetehar/Guajajara sofreu bastante alteração, quando se compara como era a organização urbana das aldeias em períodos mais antigos.

Nos registros de alguns pesquisadores, é evidenciado a preferência dos Tenetehar por formar aldeia na beira de um rio ou um lago. No caso dos Tenetehar/Guajajara da Terra Indígena Canabrava Guajajara, a maioria das aldeias estão longe do Rio Mearim e do Rio Corda. Isso se deve ao fato de que atualmente as aldeias dispõem de serviço de Saneamento Básico da Saúde Indígena, que leva água potável por meio de caminhão-pipa para aldeias longe dos rios e de lagoas. Algumas aldeias possuem poço artesiano, como é o caso da Aldeia Colônia, objeto de estudo deste trabalho.

O afastamento e o isolamento das aldeias dos grandes rios se deveram por razões de fragmentação do território original, que resultou da ocupação e da grilagem de boa parte do território ancestral dos indígenas Guajajara. Além das influências sociopolíticas externas, a política não indígena semeia conflitos, desentendimentos e, por fim, divisões de aldeias. Para evitar a continuidade dos conflitos, algumas aldeias ficam isoladas. Um dos grandes exemplos de influência negativa,

de ato político externo, foi a subdivisão da Aldeia Colônia, de onde saíram famílias para fundar uma nova aldeia, a aldeia Três Irmãos. Houve um conflito por mais de 8 anos após a divisão, porém nada de grave aconteceu.

Alguns escritores afirmam que os Indígenas Tenetehar/Guajajara eram nômades, formavam aldeias pequenas e temporárias. Todavia, nos dias atuais observa-se um número crescente de aldeias, mas cada aldeia formada é permanente. As novas aldeias são fundadas por vários motivos, que vão desde um conflito interno entre famílias a uma intervenção política externa. Mais uma vez lidamos com a descaracterização étnica dos Tenetehar/Guajajara. Para esse contexto trazemos ainda as crenças e práticas tradicionais que são cada vez mais escassa nas comunidades. O que podemos afirmar é que as várias tentativas de civilização dos povos indígenas em geral não deram certo, porém tiveram seus efeitos de forma gradativa. Os missionários, católicos ou não, contribuíram para essas mudanças sem ser de forma extrema ou parcial, mas lançando ideias que de alguma forma ficou e despertou curiosidade. Desta forma, as mudanças ou a desvalorização da cultura ou práticas tradicionais não estiveram relacionadas diretamente com a intervenção religiosa oriundas do contato com não

indígenas. Pelo contrário, os próprios indígenas estão em busca de novos conhecimentos nessa área, porque um dia alguém “plantou uma semente”.

2.4. COSMOLOGIA TENETEHAR

A cosmologia tradicional é assegurada pelos mais velhos da comunidade da aldeia Colônia. Assim temos o ***karuwara***, visto como responsável pela criação e transformação do mundo, onde se destacam os *Mayr*: os irmãos *Mayra 'yr* e *Mykura 'yr*. Vale ressaltar a importância da mitologia que envolve o herói mitológico “*Mayr*” (O Pai, um herói mitológico), principalmente por esse ser mitológico carregar a explicação da cosmologia dos povos indígenas Tenetehar/Guajajara, quando se trata dos irmãos *Mayra 'yr* e *Mykura 'yr*, visto ser esses os filhos de *Mayr*. Sabe-se que *Mayra 'yr*, de acordo com os mais velhos, possui a origem divina, a fonte do sobrenatural. Já o *Mykura 'yr* corresponde o lado humano, que envolve o contato e convivência com os animais, e por fim, a origem das coisas ruins. Ambos são seres mitológicos, que nem todos os indígenas sabem contar ou conhecem na íntegra. Dada a sua importância para a cultura indígena dos Tenetehar/Guajajara, esse mito

deveria ser partilhado por todos, porém há um temor das pessoas em contar ou tratar desse mito, de sorte que a maioria dos Tenetehar prefere não comentar. Às vezes por medo ou, por não conhecer mesmo sobre o assunto, os indígenas preferem não se aprofundar no assunto porque eles temem o sobrenatural. Falar sobre o assunto, sem conhecimento, pode atrair coisas ruins.

Nesse contexto, podemos citar o *zurupari*, um tupiwar, que pode ser conceituado como ‘pai dos espíritos maus’, ‘entidade do mau’ ou, ‘*tekwe katu’ym*’ (espírito mau), que representa a origem de todas as coisas ruins, pragas, insetos e que é, por essa razão, muito temido pelos Tenetehar que não consideram um herói cultural. Entretanto, tupiwar é um ser que representa algo ruim. É importante frisar que, dentro do contexto cultural, em conversas com pessoas mais velhas, há experiências que ainda não foram compartilhadas na sua essência. Neste aspecto, alguns reconhecem os segredos escondidos na mitologia indígena. Os heróis culturais, por exemplo, são respeitados e importantes na cosmologia tradicional. Ao mesmo tempo, há mitos que são contados apenas para explicar ou dar sentido a uma determinada situação, dos quais temos a origem da morte (a culpa: um pai derrubou uma árvore sagrada, e o filho adoeceu. Em outro momento, o mesmo pai matou uma

caça proibida. Por fim, o menino, que já estava doente, faleceu. O pai foi, portanto, culpado pela morte do filho ao derrubar uma árvore proibida e, por matar uma caça proibida. A origem do fogo é outro mito que narra a estória de uma espécie de pombinha cinza e branca, que no verão se alimenta de pedrinhas. De acordo com esse mito, ela é quem trouxe o fogo para os Tenetehar. A ideia é que por meio do balançar do papo durante o voo, as pedrinhas se esfregam uma na outra e, assim, provoca aquecimento, o que resulta na criação do fogo para os Tenetehar e também no surgimento de algumas das sementes que se plantam na roça. O arroz, por exemplo foi trazido por outra espécie de pombinha com as penas marrom, (*“Histórias que minha vó contou”*).

Outras narrativas, como a conhecida história do sapo e do urubu, fazem parte do contexto sociocultural do povo Guajajara. Nessa estória, o sapo pega carona no violão do urubu, para ir à festa no céu. A moral dessa narrativa é a de que se deve ser estratégico, de modo a se calcular os possíveis riscos, pois o sapo é jogado numa pedra quando ele retorna da festa no céu. Assim temos tantas outras narrativas que revelam sabedoria a arte, ambição do ser humano em explorar o universo (o menino e o bacurau), respeitar seus limites (a onça e a preguiça) etc. Por último, há o mito relacionado aos animais que revelam algumas verdades

do conhecimento fora do contexto não indígena. Ou seja, o que, por exemplo, “*A Peneira de Sócrates*” tem a ver com o final da história da onça que apanhou do coelho, e que, por ter apanhado tanto, teve que “*reaprender a caçar*” com o gato do mato. O mote e ensinamento desse mito, relacionam ao fato de que “nem tudo pode ou precisa ser dito ou ensinado”, essa é, portanto, a explicação.

Temos ainda **os donos** das florestas, *Ka’a izar*, das águas *’Y izar*, das caças *Miar izar* e das árvores (*Ywyrá izar*), que são conhecidos e temidos por seu poder maligno para proteger o que lhes pertence. Para os indígenas, sempre foi recomendado pedir autorização para entrar nas florestas, caçar e pescar. Os *àzàg*, conhecidos como espíritos errantes dos mortos e, por isso, muito temida pelos Tenetehar/Guajajara, fazem parte do entendimento sobre o que é sobrenatural e, por último, citamos os *hupiwár*, espíritos de animais e caças que são capazes de se vingar de quem matou determinado animal ou caça.

No que tange as tradições, ou de forma específica os rituais, alguns estão em fase de extinção. A festa do mel, “*hàir hà`àgaw*”, há muitos anos não é mais realizado na aldeia Colônia e região, talvez até o presente momento não é mais realizada na Terra Indígena Cana Brava Guajajara. Entretanto, em outras TI’s, como na Araribóia e Zutiwa, esse

ritual tradicional é mantido como obrigatório entre os meses de setembro e outubro. Outro ritual de celebração e que se refere ao pedido de proteção de tudo o que seria plantado na roça, era a Festa do Milho, **“Awaxi hà´ygyr í´u haw”**, ou como já é um caso de neologismo, trata-se da “Colheita da Roça Nova”, **“Ko pyahu purer”**. A nova nomenclatura generaliza a nova colheita e não se limita apenas a colheita do milho. Todavia, é usado apenas por poucas pessoas que ainda trabalham com roça.

A única festa, talvez a mais conhecida nos dias de hoje, é o Ritual de passagem da menina púbere, a qual, quando tem a sua 1ª menstruação, passa a ser uma moça feita, pronta para o matrimônio. Neste primeiro momento, acontece algo que ainda é comum nas comunidades indígenas. Para celebrar esse ritual, a menina passa sete dias isolada num quarto, mantendo contato apenas com a mãe ou avó. No sétimo dia, às 4h da manhã, ela recebe a ordem dos pais e dos avós, para sair do quarto. Há, contudo, uma ressalva: a moça tem que correr o máximo que puder e não deixar que ninguém a pegue. É o primeiro ritual, para ficar declarado que nada de ruim pode pegar ou cair sobre ela. E logo após, é marcado o dia da celebração da chamada Festa do Moqueado ou **“Wira´o Haw”**. Trata-se de um ritual de proteção contra os

maus espíritos, para que esses não toquem na saúde da moça na nova fase da adolescência para a idade adulta. O objetivo é que a menina moça, que agora se torna mulher, seja saudável, forte e protegida pelos espíritos bons. De acordo com o que temos visto na prática, é um ritual prolongado. A moça ou as moças ficam um período de uma semana em local separado, isoladas dos demais e somente a mãe, principalmente as avó(s), tem acesso a ela(s). Homens são proibidos de adentrar no recinto onde as moças ficam nesse período. O detalhe de suma importância é a culinária, que antigamente constituía de caças apenas, que eram moqueados ainda na mata e trazidas apenas dias antes da saída das moças da “*Tukaz*”, ou tocaia. Ou alternativamente, como é feita nos últimos anos, quando saem do quarto onde ficam isoladas por uma semana. A culinária nos dias atuais é constituída de carne bovina e frangos de granja e não mais de caças vindas da floresta. A carne bovina é moqueada, depois cozida, desfiada e misturada à farinha, e se transforma em pequenos “*bolos de carne com farinha*” distribuída no encerramento da Festa.

Ressaltamos aqui a razão pela qual a carne bovina substitui a caça, que até então era indispensável nas festividades indígenas, principalmente na Festa de Moqueado, ou festa da Menina Moça. Essa

mudança se deve a escassez da caça. Uma consequência do desmatamento desenfreado, a venda ilegal de madeira e as queimadas. As ações que apontamos aqui comprometem a flora e a fauna.

No que diz respeito à religião ancestral, a exemplo do que foi relatado até aqui em relação aos rituais, nota-se que o xamanismo está sendo esquecidas, devido a influência de outras religiões, protestantes ou católicas, que os próprios indígenas estão trazendo para suas aldeias. Cabe ressaltar aqui que ensinamentos neopentecostais estão presentes em grande parte das aldeias da Terra Indígena Cana Brava Guajajara. Até “Os Testemunhas de Jeová”, estão se inserindo aos poucos, e entraram com a proposta de uma nova tradução da Bíblia, substituir o que foi feito por Carl Harrison, sob o intuito de substituir o nome Tupàn (Deus), por um novo nome que faça referência a Jeová.

O enfraquecimento da religião ancestral dos povos indígenas, bem como o abandono das festas, se deve à falta de tempo para realizá-las e falta de momentos de diálogos com os mais jovens, falta de interesse dos próprios jovens que estão mais interessados em assuntos mais atuais. O resultado é o esquecimento de algumas práticas culturais, cantos e rituais. Antigamente o ciclo de vida, desde o nascimento à vida adulta, era comum a recomendação dos mais velhos que os indivíduos

fossem acompanhados por uma série de rituais. Para exemplificar este ciclo citamos que ainda na idade de recém-nascido, quando os pais escutam o canto do corujão à noite, eles correm para balançar a rede onde está o bebê, para que sobre esse não paire nenhuma enfermidade ou para que um espírito ruim não traga a morte. Na adolescência, crianças não podem adentrar na mata sem avisar ninguém nem podem andar só nas matas.

O que a convivência na aldeia nos revela é que existem muitas práticas que estão ficando em desuso. Entre elas, destaco a diminuição do xamanismo. Em toda a região, onde está a Aldeia Colônia, onde há mais de 37 aldeias, só existe uma mulher indígena pajé (*“paze ma’e”*), que se esconde, por medo de críticas, principalmente por⁴⁰que essa prática era recomendada apenas para os homens. Todavia, todas as pessoas da região a conhecem e a temem. Em suma, observa-se que, em todo o território da Terra Indígena Cana Brava Guajajara, há poucos pajés. A maioria já morreu, com seus conhecimentos, e os que estão na ativa preferem não se identificar. Cabe ressaltar que, o indivíduo pajé, além de ser o curandeiro da aldeia, era a pessoa responsável para se comunicar com o mundo sobrenatural, em outras palavras, se comunicar com espíritos. Tinha autoridade para desfazer maldições lançadas pelos

“miar hupiwar”, espíritos de animais ou de caça, que em geral atingia o filho de quem matou determinada caça ou animal. Dessa forma, entendemos que o pajé tinha poder até para *“chamar ou invocar os espíritos”*, e isso trazia uma reputação muito grande ao pajé, além de ganhar uma reputação de “sabedoria do sobrenatural” para liderar. Assim, a maioria dos pajés foram Caciques, lideranças renomadas e grandes conselheiros em suas comunidades. Contudo, não tinham tanta liberdade para transitar na aldeia, ou na região em que aldeia estava situada. A razão era que no pajé havia um “ser”, (definida pelo neologismo hoje, como “entidade”, que possui sentido ambíguo no contexto indígena). Ninguém sabia se viria em missão de paz ou não. Por esta razão, algumas famílias evitavam o contato com o pajé, procurando-o apenas em caso de necessidade.

2.5. ASPECTOS DA VIDA SOCIAL NAS ALDEIAS

Para Wagley e Galvão (1955, p. 8) os *“Tenetehara-Guajajara, nos dias de hoje, mesmo descaracterizados culturalmente, conseguem manter sua individualidade”*. Essa afirmativa não possui o mesmo sentido como há um certo tempo atrás. Há visíveis mudanças como a poligamia,

a homossexualidade e o corte de cabelo que acompanha o estilo do que é divulgado nas mídias sociais etc. Inserida na cultura dos povos indígenas Guajajara, há visíveis práticas de cultura de matriz africana nas danças, nas crenças e no que chamamos de ancestralidade. Acompanhando a afirmação de Wagley e Galvão (1955, p. 8), pode-se dizer que *“A economia de subsistência, baseada na agricultura de coivara, na caça e, secundariamente, na coleta e na pesca, é mantida”* se tornou parcialmente ultrapassada. Isso se deve ao processo evolutivo, que veio de várias formas, e desordenado, principalmente com benefícios sociais criados pelo Governo Federal. O contato constante com não indígenas mudou significativamente a vida social dos Povos indígenas Guajajara. Quando olhamos para a história em que havia a confecção de artesanatos para venda, trabalho com roça de toco, entre outras atividades que faziam parte da vida diária dos indígenas, e que passamos a traçar uma linha de comparação do passado com o presente, essas práticas estão parcialmente extintas. Poucos jovens indígenas conhecem, por exemplo, o *“tupe”* que tem a forma de um abano, mas aconcheado, e o *“tatapekwaw”*, instrumento de abano usado para ajudar abanar o fogo que está se apagando, e o *“Tepixi”*, uma

espécie de prensa artesanal que era utilizada para prensar a mandioca cevada.

A caça e a pesca que tanto são atribuídos como prática comum entre os indígenas, já não é mais tão comum como antes. Antes os Tenetehar pescavam o cará, o cascudo, a lampreia, o mandi, o pacu, o piaui, a traíra, o surubim e o lira. Entretanto, as mudanças climáticas e a pesca predatória por parte de pescadores ilegais comprometeram essas práticas. Assim como acontece com as caças, a extração ilegal de madeira nas últimas décadas tornou a caça uma atividade menos produtiva. As frutas das árvores que os animais comiam, já não existem mais. Por um lado, a árvore foi levada pelos madeireiros, e as sementes que ficaram para nascer foram consumidas pelo fogo, provocando um verdadeiro desequilíbrio ecológico nas Terras Indígenas. E com isso, a flora e a fauna estão comprometidas e correm risco de extinção.

É importante destacar que, mesmo com as constantes mudanças cada vez mais visíveis, os indígenas Guajajara aprenderam a não perder a forma de organização sociopolítica frente às comunidades cada vez mais crescentes em todas as Terras Indígenas do país. As influências são constantes e a todo instante, desde a comunicação oral à escrita e/ou da área cultural à religiosa. Isso nos leva ao entendimento que

existem razões para as mudanças, e não se limitam a penas ao etnodesenvolvimento que muito se fala nos últimos anos.

Em tese, cabe ressaltar ainda que as mudanças não aconteceram só a partir das influências, aconteceram, ou acontecem, também por meio de imposições. Nos dias atuais as imposições acontecem pela influência impositiva dos mais variados meios de comunicação disponíveis, que envolvem a mídia em geral e as redes sociais. Porém, a história tem nos mostrado outras formas de influências impositivas. Destaco, por exemplo, o maior conflito ocorrido na Terra Indígena Cana Brava Guajajara, que causa certo desconforto social, o “Massacre de Alto Alegre”, como descrevem alguns autores, ou “A Rebelião de Alto Alegre”, como preferem outros. Entretanto, segundo Cruz, 1982,

“A catequese parecia andar bem, com o avanço tranquilo, sem perceberem os frades que havia um movimento insurrecional em estágio embrionário, cuja desenvoltura dificilmente seria contida, já que aquele complexo esforço de estruturação evangélica contrapunha-se a um princípio de antropologia cultural irremovível em que se inspira esse grupo tribal (Cruz, 1982. p. 19)

A partir do relato acima, ficamos em condições de termos uma ideia de como foi, de fato, a rebelião de alto alegre. Desta forma, é-nos possível vislumbrar o inconformismo de algumas lideranças indígenas

com questões que envolvem a cultura como o todo, e em especial o avanço desordenado de neologismos nas comunidades indígenas, provocando o surgimento dos termos arcaicos.

2.6. NOTAS SOBRE O SURGIMENTO DA ALDEIA COLÔNIA

Situada a pouco mais de 70 km do município de Barra do Corda - MA, a Aldeia Colônia foi fundada em 20 de abril de 2004, possui uma extensão de 5 km². A população atual é pouco mais de 700 pessoas, divididas em 92 famílias. Segundo Cacique Tiago Pereira da Silva, a criação da aldeia foi a realização de um sonho antigo. A criação da aldeia deveu-se aos períodos de inverno que deixavam a antigo local da aldeia inacessível, devido a lama e atoleiro de carros. Após anos de avaliação, finalmente a comunidade decidiu se mudar e construir a nova aldeia em um local de melhor acesso.

No local anterior, a Aldeia Colônia foi fundada pelo saudoso *Tâmuz*, (Vô) Silvano Pereira da Silva. Ele foi o pai do também saudoso Arquileu Pereira da Silva. A aldeia surgiu por volta de 1910. Abreu (ed. 2012, p. 110), em seu livro *Na Terra das Palmeiras*, relata “*que tudo se obtém com o velho e bondoso índio Silvano, homem de grande prestígio*”.

Há indícios de que a aldeia surgiu a partir de uma Colônia de moradores não indígenas, que construíram uma pequena Capela na região. Após os fatos que ocorreram em Alto Alegre, onde aconteceu a revolta do Cacique *Kawire Imàn* contra os frades e freiras, ficou impossível, mesmo anos depois, a permanência dos não indígenas nessa pequena Colônia e na Capela. Como consequência, o local foi ocupado pelos indígenas que trabalhavam no local na época. Toda a alteração transcorreu sem violência. O local foi abandonado por todos, até mesmo pelos indígenas que moravam nas adjacências. E como não havia mais habitante no local, o indígena Silvano se mudou para as proximidades do local, onde antes havia uma pequena Colônia. Como a intenção era não manter o nome Colônia, a aldeia passou a ser chamada de “*Nakoroz*”, uma referência às pedras que há no porto de acesso ao rio Mearim. Contudo, o nome Colônia, continuou sendo o nome de referência do lugar, de modo que passou aos poucos ser chamada de aldeia Colônia, embora esta não era a intenção.

A antiga aldeia Colônia era composta por mais de 350 famílias, totalizando quase mil pessoas. O então Cacique Silvano, ou como era chamado “*Xiriwàna’i*”, se fortaleceu como Cacique por ter influências com outras lideranças na região, até por que na época a Terra Indígena

Canabrava Guajajara era pouco habitada. “*Xiriwàna’i*” também foi um servidor do extinto SPI - Serviço de Proteção ao Índio. Com esse perfil, ele se casou com várias mulheres, apesar de ter pouca estatura, como o nome em indígena já revela, e teve em torno de 17 esposas, deixando pouco mais de 72 filhos. Morreu com 116 anos, mas deixou como legado a luta pela proteção territorial, diálogo aberto e pacífico com fazendeiros ou posseiros. O grande legado desse grande líder pode ser medido pelo fato de haver hoje uma vasta região que é habitada pelas novas gerações. A região da aldeia Colônia é conhecida como região Mearim, onde a maioria dos guajajara são netos, bisnetos, tataranetos do saudoso, Cacique Silvano Pereira da Silva, ou apenas “*Xiriwàna’i*”, uma tradução do nome Silvano no diminutivo, Silvaninho, dada a pequena estatura dele.

A aldeia Colônia, assim como as aldeias Marexico, São Pedro e Xupé, são aldeias bem antigas. Conforme descreve Abreu (2012, p. 107), *“a chamada aldeia Maré Xico ou do Parrião tem meia dúzia de palhoças, onde moram duas ou três famílias, ao passo que as aldeias São Pedro, Colônia, Bananal ou Engeitado, dão abrigo a mais uma centena de indígenas”*. Diante deste relato, os mais velhos afirmam que o local Marexico não era exatamente uma aldeia na época, era apenas um ponto

de referência para caçadores e pescadores, e todos eram da aldeia Colônia. Com o passar do tempo passou a se tornar uma aldeia.

Com o passar do tempo, após a partida do grande Cacique “*Xiriwàna’i*”, assumiu a liderança, por ordem hereditária, o filho mais velho, o Cacique Arquileu Pereira da Silva. Foi também um Cacique renomado, reconhecido e de muito prestígio. Com o passar dos anos e devido às dificuldades de acesso a aldeia, o Cacique, então, junto com os 500 pais de famílias que na época ultrapassavam 2000 pessoas, decidiram mudar para uma local mais acessível. Então estabeleceram um novo local para a Aldeia Colônia, onde está situada a nova aldeia atualmente. Já faz 20 anos que a aldeia se estabeleceu neste novo lugar. Inicialmente se estabeleceu com pouco mais de 200 famílias, pois nem todos quiseram se mudar para o novo local. Entretanto, por motivos de força maior, algumas famílias foram fundando novas aldeias nas adjacências da atual aldeia Colônia, e alguns retornaram para o antigo local, nomeando-a aldeia Remanso. Nas adjacências, estão localizadas as aldeias Canoeiro, Brejinho, Tamarindo e Tawewa, todas provenientes de famílias que vieram da antiga Aldeia Colônia. São, portanto, as novas gerações oriundas do velho Cacique, “*Xiriwàna’i*”.

Na atual aldeia Colônia, a convivência com não indígenas é constante, tanto na aldeia como fora dela, na cidade ou povoados. Na aldeia o contato com não indígenas ocorre com os profissionais de saúde e de educação. Além dos profissionais, existem outros não indígenas, dos quais é possível citar vendedores, ambulantes, madeireiros, caçadores e pescadores ilegais. Já fora da aldeia, o contato acontece na cidade, nos comércios, bancos, e com uma gama de agiotas que transitam livremente até nas aldeias.

Nesse contexto, é preciso considerar que, apesar da identidade linguística, estudos desenvolvidos por linguistas como Weinreich (1953), Appel & Muysken (1987), Thomason (2001) afirmam que o contato linguístico intenso induz mudanças no sistema linguístico das línguas.

A forma como a língua é falada entre os indígenas Tenetehar/Guajajara é diferente até mesmo nas expressões que estes usam para se comunicar entre eles. Cada escrita que foi feita individualmente, chama atenção por vezes o conhecimento do português pode atrapalhar: a pessoa pensa que não pode usar uma letra que já existe em português, mas tem som diferente. O importante é compreender que as diferentes formas, usadas em regiões diferentes, estão todas certas e não umas erradas e outras certas. Talvez, em um

momento futuro, os Tenetehar Guajajara queiram fazer a unificação escrita de sua língua, mas, neste momento é pouco provável que isso aconteça, pois cada um tem seu modo de escrever e principalmente o aspecto de falar, existem críticas entre os próprios indígenas, e isso acaba gerando uma série de dúvidas.

Carl e Carol Harrison criaram um dicionário Guajajara-Português¹⁴, que contribui para que os indígenas entendam o léxico da língua. Há uma falha no dicionário porque não foram consultados profissionais indígenas em linguística. Isso gera alguns questionamentos por parte das lideranças indígenas. Os questionamentos surgem devido às variações linguísticas que já tratamos até aqui. Como exemplos, temos no contexto da Aldeia Colônia, indivíduos que falam termos ou palavras em tonalidades diferentes. A palavra “*Mainumy*” possui duas pronúncias: na aldeia Colônia, a letra ‘y’ soa como vogal central alta [i], enquanto em outra aldeia próximo à região Rio Corda essa letra tem o som de vogal anterior alta [ɪ]. Essa variação linguística não é abordada no referido Dicionário.

De certa forma, o Dicionário Guajajara-Português gera certo conflito linguístico entre os indígenas Tenetehar/Gujajara, visto que este

¹⁴ Dicionário Guajajara-Português, criado por Carl e Carole Harrison. Associação Internacional de Linguística - SIL – Brasil, Anápolis – GO. 2013.

dá ênfase à variação linguística do Ze'ete falado nas Terras Indígenas Araribóia e Zutiwa. Mais uma vez, esse não é um pretexto pra levantar uma crítica radical, pelo contrário é uma forma de pesquisar a razão dos caminhos para inúmeros neologismos na própria língua indígena Tenetehar Guajajara. Para exemplificar essa situação temos a palavra: “*Zawixiapekwer*”. Percebe-se claramente que esta tradução foi por indução, traz referência ao soldado romano. Na tradução original, a palavra “*Zawixi apekwer*” (assim escrito por se tratar de um sujeito e a algo que lhe é atribuído), significa: Casca de Jabuti. Como se vê, problemas como esses servem para justificar a necessidade da pesquisa sobre o tema dos empréstimos e neologismos.

Após a exposição sobre o povo, a cultura, a língua e a vida social nas aldeias, o próximo capítulo tem por objetivo apresentar o aporte teórico por meio do qual a pesquisa se sustenta. Interessa-nos apresentar os principais pontos teóricos que serão pertinentes durante a análise.

CAPÍTULO 3: APORTE TEÓRICO

Um dos pressupostos teóricos que assumiremos nesta pesquisa é o de Maia (2006: 23), *“Como as línguas são todas derivativas da mesma faculdade mental da linguagem, é compreensível que, estando em contato, possam se influenciar mutuamente e até mesmo se misturar, recebendo empréstimos e, por vezes, formando novas línguas”*. A partir dessa intuição, é possível entender que as necessidades sociais derivadas do contato linguístico nos levam a criar neologismos que substituem formas mais antigas do léxico. Todavia, é importante considerar que isso não significa que os itens léxicos que constituem o vocabulário da língua Ze’egete dos Tenetehar/Guajajara devam ser substituídos por itens importados da língua portuguesa. A maioria das Lideranças Indígenas Tenetehar/Guajajara, por exemplo, não utiliza o Ze’egete para se comunicar com os não indígenas nas relações sociais interétnicas. Nesses contextos, sempre usam o português brasileiro como forma de mediação para resolverem problemas de natureza política e social. Nota-se que infelizmente uma boa parte dos falantes do Tenetehar vem perdendo a sua língua materna.

De acordo com Mattos e Silva (2009, p. 16), que cita Biderman (2001, p. 203), o neologismo é uma criação vocabular nova, incorporada

à língua, distinguindo-se dois tipos de neologismo, a saber: (i) o neologismo conceptual e (ii) o neologismo formal. Acompanhando ainda Mattos e Silva (idem, ibidem), que se apoiam, entre outros, em Carolina Micahëlis de Vasconcelos, assumiremos que há neologismos de natureza muito diferenciada. Entre esses, distinguiremos entre criações vocabulares com padrões estruturalmente internos e criações vocabulares com padrões estruturalmente externos. As criações vocabulares com padrões estruturalmente internos (criações endógenas) dizem respeito a criações de novos vocábulos com recursos linguísticos da própria língua em que a criação vocabular se dá (Silva e Damulakis, 2017), conforme mostram os exemplos a seguir:

- | | | | |
|-----|---|---|--|
| (1) | <i>zane-karok</i>
nossa-tarde
'boa tarde' | → | <i>karuk</i>
tarde
'boa tarde' |
| (2) | <i>zaneku'em</i>
nossa-manhã
'bom dia' | → | <i>ku'em</i>
manhã
'bom dia' |
| (3) | <i>Te ma'u no</i>
Verdade dúvida também
'(es)tá vendo!' | → | <i>Te no.</i>
verdade também
(es)tá vendo! |

As línguas vivas estão continuamente a renovar seu acervo lexical, que de alguma forma acabam influenciando a comunicação entre as pessoas. E essas novas criações chamam-se neologismos, palavras

novas. Por esta razão, interessa-nos neste capítulo discorrer sobre o conceito de neologismo e de arcaísmos que encontramos na literatura.

Para a linguística descritiva, neologismos e arcaísmos são dois processos de ampliação do vocabulário de uma língua. Desta forma, assumimos que o processo de formação de palavras por neologismo se dá quando palavras com um novo sentido ou significado inteiramente novo são introduzidas na língua, preenchendo uma lacuna da necessidade linguística que não havia antes, conforme mostram os exemplos abaixo:

Exemplos de Neologismos

- (4) *wowo*
vovó
'vovó'

Explicação: antes só havia “Zaryz” (em algumas das microrregiões da TI CanaBrava Guajajara, há aldeias que usam o termo *hohoz* para designar vovó.

- (5) *kamir*
camisa
'camisa'

Explicação: Os indígenas não usavam camisa.

- (6) *kuze*
colher
'colher'

Explicação: Colher para levar comida à boca.

- (7) *’or*
hora
‘hora’

Explicação: referência relógio, tempo.

- (8) *xapat*
sapato
‘sapato, tênis’

Explicação: Qualquer calçado que cubra o pé todo.

- (9) *koraz*
coragem
‘coragem’

Explicação: a palavra mais próxima para definir coragem é *-kyze haw ’ym*: ‘sem medo’.

- (10) *xan*
‘menina, mulher’

Explicação: além de *kuzà* (mulher) e *kuzàtài* (menina), algumas mulheres indígenas, dependendo da região, usam os termos *kuxan* para se referir a uma menina, e *kuxan hy* para se referir a uma mulher/mãe.

- (11) *marawyr*
mar-embaixo
‘lugar misterioso’

Explicação: Quando alguém não quer explicar algo, usa como recurso para dizer que aquilo que não pode ser explicado faz parte de um lugar misterioso.

- (12) *makazer*
macaxeira
‘macaxeira’

Explicação: Não há tradução para macaxeira, já que ‘mandioca’ é conhecida como *mane’ok*.

Já o arcaísmo é exatamente o contrário, são expressões antigas utilizadas pelos falantes mais velhos que constituem o vocabulário da língua, mas que não se utilizam mais com tanta frequência. Essas expressões são encontradas mais frequentemente nas narrativas dos mais velhos, conforme mostram os exemplos a seguir:

Exemplos de Arcaísmos:

(13) *zet* > redução de “*Awyze*
deixa
‘parar de fazer algo.’

(14) *i-màn*
3SG-rodeado
‘original, raiz’

(15) *i-zimàn-er*
3SG-origem-NOML
‘a raiz que deu origem’

(16) *tàg*
‘tanga’

Explicação: Única roupa que os indígenas conheciam. Composta por duas tiras de pano pra cobrir a intimidade (duas tira de pano amarrado com cordão na cintura, para cobrir na frente e atrás).

(17) *nan-i-kwaw* > reduzido para *nan* ou *nah*
‘NEG-3SG-sabe (o que é)’ não não
‘não’ ‘não’

(18) *tàmàg*

tamanco
'calçado'

Nota-se que os itens arcaicos acima, quando são usados pelos mais velhos, são interpretados com certos estranhamentos pelas gerações novas. Ademais, nota-se que os neologismos que surgem por empréstimos do português precisam se ajustar aos padrões morfofonológicos da língua guajajara. O surgimento de neologismos, embora seja uma necessidade linguística em virtude do contato, encontra grande resistência entre os falantes mais velhos, conforme demonstram os exemplos abaixo:

(18) *ko*
roça
'roça'

(19) *kuzàhàm*
mochila
'mochila'

Explicação: uma espécie de guarda tudo, até roupa, feita de palha, que foi substituído por mochila

(20) *tepupari*
tipóia
'tipóia'

Os exemplos acima mostram uma mudança, principalmente entre as gerações mais jovens. Assim sendo, o lexema *ko* tende a ser substituído por ‘campà’; o lexema *kuzàhàm*, por ‘mochilà’ ou ‘bolsà’; e o lexema *tepupari*, por ‘tipoià’, entre as novas gerações, enquanto os falantes mais velhos ainda dão preferência para os primeiros itens da série, que correspondem a formas lexicais mais ancestrais. Em suma, ainda que de forma mais tímida, os mais velhos ainda usam os termos mais antigos exemplificados nos exemplos acima. Deve se considerar que a resistência em se adotar os neologismos acima por parte dos falantes mais conservadores impede que esse fenômeno se expanda, principalmente entre os mais velhos.

Tendo em vista a discussão acima, faz-se necessário definir com mais exatidão o que vem a ser Arcaísmos e Neologismos a partir das teorias delineadas pela linguística descritiva. Neste sentido, precisamos entender que “o léxico é o conjunto de unidades mono e poliléxicas de uma língua constituindo um sistema complexo, dinâmico e altamente produtivo. Sendo assim, a expansão lexical, por meio da formação de novas palavras ou de novos sentidos às palavras já existentes, lhe é inerente”. (Silva, *et. al*, 2020). Estes autores explicam que um dos vários processos de *‘ampliação lexical é chamado de neologia* (neo “novo” +

logia “palavra”). A unidade lexical resultante desse processo é denominada de neologismo. Neologia, portanto, é o processo de criação lexical, e neologismo, a unidade criada a partir desse processo. Só é considerado neologismo a unidade que ainda não pertence oficialmente à língua, conforme mostram os exemplos abaixo:

- | | | | |
|------|---|---|---|
| (21) | <i>campa-wà</i>
Campo-PL
'mais de um campo' | → | <i>camp-à</i>
campo-PL
'o campo' |
| (22) | <i>mochial-wà</i>
mochila-PL
'mochilas' | → | <i>mochila-à</i>
mochila-PL
'a mochila' |
| (23) | <i>bolsa-wà</i>
bols-PL
'bolsas' | → | <i>bols-à</i>
bols-PL
'a bolsa' |
| (24) | <i>tipoi-wà</i>
tipóia-PL
'as tipóias' | → | <i>tipoi-à</i>
tipoia-PL
'a tipóia' |

Acompanhando a proposta de Carone (2003, p. 36), os recursos mais férteis para a produção de novas palavras são a derivação por prefixação ou sufixação, a composição por justaposição e por aglutinação e o neologismo por empréstimo. Esta última se constitui de importação de unidades lexicais de outras línguas, com formas adaptadas ou não na língua alvo, conforme mostram os exemplos abaixo:

Exemplos:

a) Derivação por Prefixação:

- (25) *ure-moto*
1PL_{exclusivo}-moto
'nossa moto'

- (26) *wa-aldeia*
PL-aldeia
'aldeia deles'

b) Derivação por Sufixação:

- (27) *i-moto-râm*
3SG-moto-FUT
'a moto é pra ele'

- (28) *campo-wâm*
campo- FUT
'local onde será o campo'

c. Composição por Aglutinação:

- (29) *tata+heny* > *tata-iny* = 'fogo+brilhar'
fogo-brilha fogo-brilha
'lâmpada'

- (30) *zawar+par* > *zawar-apai* = 'cachorro+torto'
cachorro-torto
'jatobá'

d. Composição por justaposição:

- (31) *motor-wà*
motor-PL

‘os motores’

- (32) *papai-zaw*
papai-chamado de
‘um pai’

e. neologismos:

- (33) *estressar-zo* > (de stress)
estressar-NEG
‘não se estresse’

- (34) *maluk-haw-wà* → *maluk-à-wà*
maluco-NOML-PL maluco-NOML-PL
‘os malucos’ ‘os malucos’

Há ainda o que se considera como neologia híbrida, quando unidades são formadas a partir de elementos de línguas diferentes, queremos trazer a palavra que citamos acima, “**estressarzo**”(de *stress* do Inglês, + **ar**, do Português e **zo**, do Guajajara), onde ainda temos: *showà* (inglês *show* + Tenetehar *wà*). E ainda, em Tenetehar/Guajajara, há os seguintes neologismos híbridos que encontramos no levantamento que fizemos:

Exemplos:

- (35) *internet ià*¹⁵ > (do inglês *internet*)

¹⁵ *ià*: é um demonstrativo que aponta para algo que está próximo ao falante e que é visível.

internet-DEM

'Esta internet (=a internet)'

(36) *he-facebook* > (do inglês
facebook)

meu-facebook

'minha página no facebook'

(37) *whatsapp-rehe*
whatsapp-por meio de
'por meio do WhatsApp (algo que está na tela no whatsapp, a
mensagem, a foto, o vídeo etc)'

Em suma, tomando por base a discussão acima, podemos definir neologismo como sendo unidades lexicais que resultam da criação de uma nova palavra por derivação ou por meio de empréstimo de uma unidade pertencente a um outro idioma, conforme a proposta elaborada por Alves (1996).

Em síntese, podemos afirmar com certa segurança que neologia é o processo de criação de novas palavras e o neologismo expressa o resultado, ou seja, o novo termo que foi criado. Desta forma, enfatizamos que é consensual no âmbito da literatura linguística que há os seguintes subtipos de neologismo. Existe o neologismo fonológico, que consiste na

criação de uma palavra com base em novas combinações fonológicas, juntamente com novos significados que seguem as regras morfofonológicas da língua alvo.

De acordo com a morfologia, podemos afirmar que se trata de onomatopeia na língua Guajajara, ou seja, a formação de palavras pela reprodução de um som ou ruídos, conforme mostra os exemplos a seguir:

- (38) *txum*
furo
'descrição de som quando alguém sendo furando'
- (39) *ky:w*¹⁶
cortar
'palavra que denota que alguém se cortou'
- (40) *pen*
quebrar
'Algo quebrando'
- (41) *peh*
som de um murro
'Soco ou murro'
- (42) *'pà-g*
descrição de quando o machado está batendo a madeira
'Alguém cortando com machado'
- (43) *win*
Palavra que reproduz o som que a faca faz

¹⁶ Nesta palavra, a vogal se alonga para dar ênfase ao evento de cortar. Esta palavra não é um verbo, mas um lexema que indica que alguém se cortou.

‘Cortar algo’

Há ainda o neologismo formal ou sintático, que se dá por meio da combinação de elementos já existentes na língua (radical com afixos), podendo ser subclassificado em neologia por:

- Sufixação, quando o afixo é adicionado após o radical como vemos a seguir:

(44) *televisã-wà*
televisão-PL
‘a televisão’

(45) *foto-ià* → *fot-à*
foto-esta foto-esta
‘A foto, esta foto’

(46) *mamãe-zaw*
mamãe-chamado de
‘A mãe’

- Prefixação, quando o afixo é adicionado antes do radical como vemos a seguir:

(47) *he-moto*
minha-moto
‘minha moto’

(48) *wa-aldeia*
PL-aldeia
‘aldeia deles’

(49) *i-sentimento*

3SG-sentimento
 'sentimento dele'

- Parassíntese, quando ocorre a junção simultânea de um prefixo e sufixo num único radical, como exemplificamos a seguir:

(50) *h-emi-desenhar-kwer*
 3SG-fez-desenhar-PASS
 'ele desenhou'

(51) *i-celula-ràm*
 3SG-celular-FUT
 'o celular será pra ele, o futuro celular (o celular que alguém vai comprar para alguém)'

(52) *wa-escola pe*
 PL-escola em
 'na escola deles'

Seguindo essa linha de raciocínio, temos também o neologismo sintático, que acontece devido a uma derivação, composição ou até mesmo a criação de palavras originárias de algumas siglas, conforme os exemplos a seguir:

(53) *Petist-à-wà* > origem: PT
 REL-DEM-PL
 'Estes petistas, os petistas (visíveis e próximos de quem fala).'

(54) *Uema pe har* > origem: UEMA
 UEMA em NOML

‘Aqueles que são da UEMA, ou seja, os alunos ou os professores da UEMA’

Por fim, postula-se ainda a existência do neologismo de base semântica, que é a mudança de significado em um lexema sem alterar sua morfologia . Neste caso é atribuído um significado diferente a palavras já existentes no idioma. Geralmente usada nas gírias, conforme o exemplo a seguir, onde fazemos uso da tradução de ‘abestado’, em Guajajara:

- (55) *w-exa(k)-kar* *naiwer*¹⁷ *i-zupe* > (em uma frase)
 3SG-mostrar-NOML besta ele-para
 ‘Ele lhe mostrou **a faca**’

No caso específico acima, observa-se que o morfema *naiwer* necessita da frase toda pra obter outro sentido. A saber o sentido de ‘algo ruim’, ‘vertiginoso’, etc.

¹⁷ Nesta frase, o lexema *naiwer* ganha o significado de faca, embora tenha o significado denotativo de ‘besta’, conforme mostramos abaixo:

naiw-er > usado na frase acima no sentido de ‘algo ruim’

- (i) *besta-INTS*
 ‘abestado’

Entretanto, o uso normal seria como vemos a seguir.

- (ii) *a’e* *wiko* *naiwer romo*
 Ele 3sg-ser besta como
 ‘Ele é o abestado.’

No âmbito dos estudos sobre o léxico, encontramos ainda a definição de Arcaísmo, que segundo Oliveira (1982, p. 331) pode ser definido da seguinte maneira:

“O arcaísmo é o emprego de palavras ou construções pertencentes aos primeiros tempos do português e já caídos em desuso. A língua como todo organismo vivo, obedece às leis da evolução. Muitos vocábulos e construções desaparecem e outras palavras são incorporadas ao idioma”.

Entendemos que arcaísmos, nesse contexto, são palavras que entram em desuso, por se tornarem obsoletos e já não se usam mais, conforme mostram os exemplos abaixo:

Exemplos:

(56) *ira-katu*
esperto-INTS
‘esperto’

(57) *he´e-ahy*
sabor-INTS
‘Doce ou salgado demais’

(58) *mu-ipy*
dar-completar
‘pagar algo’

(59) *zawixi-ape-kwer*
jabuti-casco-PASS
‘soldado, polícia’

- (60) *aze-har-omo-ete*
 seja-NOML-algo-INTS
 ‘verdade, concordância’
- (61) *zane-karok*
 nossa-tarde
 ‘boa tarde’

Consideraremos que arcaísmo é um fenômeno em que determinadas palavras entram em desuso, enquanto outras permanecem, não só por fatores de contato, mas também por outros fatores devido à própria dinamicidade da língua, que podem levar ao aparecimento de palavras novas. E, no campo do desuso de palavras e da constituição de novas palavras, estaremos atentos à possibilidade de que um determinado arcaísmo na atualidade tenha sido uma inovação lexical em tempos passados.

Etimologicamente essa palavra vem do grego antigo *arkhaismós*, o qual é formado por meio da junção do item *arkhaios*: “antigo” ou “primitivo”; ao sufixo {-ismos}, o qual indica uma característica “peculiar”. Assim sendo, temos palavras consideradas antigas/arcaicas/ultrapassadas. Tal fato se deve muitas vezes pelo desaparecimento de instituições e devido a mudanças socioculturais. Disto resulta que há o aparecimento de sinônimos e a degradação de sentido original de um determinado item, de tal forma que determinada

palavra passa a ter uso impróprio em determinado momento na sociedade, conforme mostram os exemplos abaixo:

- (62) *a'e ràgy-py*
 Ele antes-INTS
 'Ele chegou na frente, ele chegou antes. '
- (63) *ete-katu*
 excelente-bom-INTS
 'respeitado'
- (64) *a-ty-(à)*
 alguém-refere-se aos homens-NOML
 'Parente não familiar, amigos'
- (65) *à-kyn*
 alguém-refere as mulheres
 'parenta não familiar, amiga'
- (66) *i-a-ty-à*
 INTJ-REL-homem-NOML
 'reação de decepção com algo ou susto' (para homens)
- (67) *i-a-kyn-àwà*
 INTJ-REL-mulher-NOML
 'reação de decepção com algo ou susto' (para mulheres).

Como resultado de as palavras acima sofrerem o processo de arcaísmo, os falantes acionam então o fenômeno de neologismo, situação que acaba criando novas palavras para substituir as palavras arcaicas acima, conforme mostramos pelos exemplos a seguir:

Exemplos:

- | | | | |
|------|--|-----------------|--|
| (68) | <i>ràgy-py</i>
frente-INTS
'antes' | substituído por | <i>a´e-ràgy</i>
ele-antes
'adiantado' |
| (69) | <i>e-te katu</i>
3-alto-bom
'respeitado' | substituído por | <i>uhu-ma´e</i>
grande-INTS
'autoridade' |
| (70) | <i>a-ty-(à)</i>
REL-refere-se ao homem-NOML
'parente não familiar, amigo' | substituído por | <i>mury-par</i>
alegria-dar
'amigo' |
| (71) | <i>à-kyn</i>
RELmulher
'parenta não familiar, amiga' | substituído por | <i>mury-par</i>
alegria-dar
'amiga' |
| (72) | <i>i-a-ty-à</i>
INTJ-REL-homem-NOML
'reação de decepção com algo ou susto' | substituído por | <i>kw-a</i>
INTJ-causa
'assustado' |
| (73) | <i>i-a-kyn-àwà</i>
INTJ-REL-mulher-NOML
'reação de decepção com algo ou susto' | substituído por | <i>à-kyn</i>
REL-mulher
'assustada' |

As formas acima são muito recorrentes na aldeia Colônia, onde vivo. Constituem palavras e expressões típicas e atípicas do contexto sociolinguístico da referida comunidade indígena. Constituem falares e/ou expressões que exemplificam neologismos e arcaísmos na língua Guajajara.

Em suma, concluímos que arcaísmos são palavras, formas ou sintagmas frasais que saíram do uso frequente na língua usada por determinado povo. Ou, como afirma Mesquita, (1997, p.549) “arcaísmo é o uso de palavras ou expressões que já pertencem a uma etapa ultrapassada da evolução da língua”. Os arcaísmos são totalmente o oposto do neologismo, pois se, num sentido literário palavras são subtraídas, o neologismo se encarrega de criar novas palavras de acordo com as necessidades emergentes de uma determinada comunidade linguística. A língua, como já dissemos anteriormente, é um objeto de constante transformação e sempre necessita de uma renovação lexical.

A repercussão dos neologismos e dos arcaísmos em determinada língua vem ganhando força em todas as classes sociais, o que não é diferente entre os povos indígenas. É importante considerar que este é um assunto complexo, mas necessário para que se obtenha a visão ampla sobre a influência que esses fenômenos linguísticos, na prática, podem ter na sociedade. No caso dos povos indígenas, alguns neologismos passam a fazer parte do linguajar cotidiano e acabam interferindo até mesmo na comunicação. Por outro lado, o arcaísmo é motivo de riso ou de falha na comunicação.

Assumirei ainda que a formação do léxico se dá a partir de palavras criadas internamente, através dos processos de composição (justaposição e aglutinação), derivação ou qualquer outro processo morfológico, além dos empréstimos e transferências linguísticas.

O trabalho exige outro conceito que envolve o empréstimo Linguístico. Weinreich (1953), um dos pioneiros no estudo do contato de línguas, percebeu dois fenômenos: o empréstimo e a interferência, que segundo ele são tipos diferentes. O empréstimo é um fenômeno coletivo recorrente em uma comunidade de fala. A interferência é vista como um fenômeno individual e depende do grau de interlíngua do aprendiz. Em outro ponto, Weinreich (1953) faz a distinção entre interferência na fala e interferência na língua: na fala, a interferência é como a areia transportada por um riacho; na língua, é a areia sedimentada depositada no fundo de um lago. Gomes Molina (2000) observou o fenômeno empréstimo em diferentes modalidades, que se estabelece a partir de diferentes graus de integração linguística - fonológica e gramatical e de integração social.

Carvalho (1989, p. 43) “propõe os limites entre estrangeirismos e empréstimos. Um termo estrangeiro que advém de uma língua e entra noutra tem uma determinada origem e ao se instalar na língua receptora

passará por processos e fases [...]”. Sob este aspecto, segundo Barboza (2015, p. 41),

“Estudar as línguas em contato pode ser abordado em diferentes pontos de vista teórico. Na psicolinguística, o foco concentra-se, sobretudo, nos aspectos cognitivos que o contato linguístico pode desencadear na mente humana a partir do momento que o falante opera com os dois sistemas linguísticos. Na Linguística Aplicada, o interesse é pelo estudo da aquisição de linguagem. No variar das diferentes abordagens teóricas, acontece [...] que o falante em contato com dois sistemas linguísticos diferentes acabará transferindo traços de uma língua para outra”.

A partir dos pressupostos teóricos assumidos até aqui, buscamos no próximo capítulo descrever os principais tipos de neologismos que ocorrem na língua Tenetehar. Temos ainda por objetivo delimitar os arcaísmos que ainda são usados pelos mais velhos da aldeia.

CAPÍTULO 4: ARCAÍSMOS E NEOLOGISMOS NA LÍNGUA TENETEHAR

Este capítulo tem por objetivo a análise de como o arcaísmo e o neologismos são realizados na gramática da língua Tenetehar. O que se nota é que há importação de itens lexicais de outras línguas, principalmente do português, e já há alguns casos de empréstimos, também advindos da língua inglesa, que fazem emergir na língua Tenetehar os neologismos, conforme demonstram os exemplos abaixo:

Exemplos de importação lexical do Português:

Neologismo híbrido

- (1) *ure-moto*
1PL_{EXCLUSIVO}-moto
'nossa moto'
- (2) *wa-aldeia*
PL-aldeia
'aldeia deles'
- (3) *i-pape*
3SG-papel
'caderno dele'

Exemplos de importação do Inglês:

- (4) *internet-ià* > (do inglês *internet*)
internet-DEM
'Esta internet, a internet.'

,

- (5) *he-facebook* > (do inglês *facebook*)
 PPOSS-facebook
 'minha pagina no facebook'
- (6) *whatsapp rehe*
 whatsapp em/por
 'mensgam, foto enviado por meio do WhatsApp'

Além dos neologismos acima, há ainda os arcaísmos, que muitas vezes são feitos por meio de processos de formação de palavras que são autóctones, os quais acontecem a partir dos próprios recursos linguísticos que a língua guajajara provê, conforme mostram os exemplos abaixo:

Exemplos:

- (7) *ira-katu*
 esperto-INTS
 'esperto'
- (8) *mu-ipy*
 dar-completar
 'pagar algo'

A língua indígena, na aldeia Colônia, faz uso de alguns destes recursos, às vezes com maior ou menor sucesso. O léxico indígena, de acordo com resultados de pesquisas e contínuos estudos, são formados pelas adaptações ao longo do tempo. Diante disso temos:

“[...] nossa capacidade de linguagem é conhecida pelos linguistas como *infinitude*

discreta, ou seja, somos capazes de produzir um número infinito de expressões gramaticais a partir de um conjunto finito de elementos e princípios linguísticos” (Maia, 2006).

A ideia que se tem a partir da afirmativa acima citada é que o ser humano é capaz de se reinventar. Nesse aspecto, veremos que os neologismos e arcaísmos fazem parte dessa capacidade de criar itens discretos. Desta forma, os elementos que produzem o neologismo devem ser aquelas palavras com um novo sentido ou significado inteiramente novo, preenchendo uma lacuna da necessidade linguística. Já o arcaísmo é exatamente o contrário, pois são expressões que ficaram no tempo, não se utilizam mais e, quando se usam, são vistos como obsoletos. Há de se concordar que não é difícil observar que a criação inédita às vezes ocorre. No entanto, essa criação precisa se ajustar aos padrões fonológicos da língua e precisa ser adotada pelos falantes da referida língua. Das duas situações em questão, o neologismo talvez seja o que mais se observa na língua Tenetehar, embora encontre resistência entre os falantes da língua Tenetehar/Guajajara de fala mais conservadora. Em outras palavras, há um aspecto conservador da língua indígena que impede o uso mais ampliado dos neologismos. Este fato fica mais evidente principalmente por parte dos mais velhos.

Este capítulo está organizado em duas seções. Na seção 4.1. discuto a formação dos neologismos a partir dos empréstimos linguísticos, que podem advir direto do português e os neologismos criados internamente. Fazemos abordagem dos neologismos híbridos que podem ser por prefixação, sufixação e, parassíntese, quando o radical é recebe prefixo e sufixo ao mesmo tempo. Tratamos também dos neologismos formados por estratégias internas à língua Tenetehar/Guajajara, Neologismos por Derivação Sufixal (NDS), Neologismos por Derivação Prefixal (NDP) Neologismos por adequação da própria língua Tenetehar/Guajajara e, por fim a seção 4.2., conceituamos e exemplificamos os Arcaísmos.

4.1. FORMAÇÕES DE NEOLOGISMOS

A formação de Neologismo, como já foi explicitada anteriormente, pode ocorrer de várias formas, visto que a unidade mínima de uma língua pode receber alterações de acordo com a necessidade no momento da comunicação. Daí, partindo desse pressuposto, o léxico de uma língua permite ao indivíduo o exercício da criatividade lexical, empréstimo, alguns casos em que ocorre a

reutilização de algumas palavras já existentes (Neologismo Semântico) e, outras combinações formais (neologismo morfológico e fonológico). É assim que acontece a renovação do acervo vocabular da língua da comunidade indígena da Aldeia Colônia, assegurando que esta continua viva, apenas correspondendo às demandas momentâneas da comunidade. Neste aspecto, neologismo é visto como uma estratégia comunicativa pelos falantes Tenetehar. A título de exemplificação, nota-se que o neologismo ocorre também na língua portuguesa. Essa característica fica bem evidente, visto que existem palavras que surgem a partir dos empréstimos que o português faz de palavras da língua inglesa, conforme o leitor pode observar pelos exemplos a seguir;

- (1) *tchan*;
- (2) *tchutchuca*;
- (3) *piriquete*;
- (4) *mandrake*;
- (5) *playground*;
- (6) *link*;
- (7) *cellular*;
- (8) *paredão*;
- (9) *conectar*;

- (10) *notebook;*
- (11) *scanner;*
- (12) *mouse;*
- (13) *shopping;*
- (14) *deletar/apagar,*
- (15) *wi fi;*

Há que concordar que não se sabe ao certo se essas palavras, como tantas outras que já entraram no inventário lexical da língua portuguesa, serão transitórios ou se serão permanentes na língua portuguesa. Mesma situação são observadas na língua Tenetehar, principalmente a introdução dos empréstimos na língua, fazendo então emergir um grande número de neologismos.

4.1.1. EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS

É importantes destacar que dos fenômenos linguísticos este se destaca neste trabalho, devido as influências que a língua Guajajara recebe de outras línguas, principalmente da língua portuguesa. E, já que não existe propriedade privada no que se refere às línguas, mas sim uma socialização geral. Desta forma, entendemos que empréstimos

linguísticos são os contatos que existem entre as culturas diferentes e os falantes de línguas diferentes. É a aplicação de palavras e expressões de uma língua em outra, seja para nomear coisas, situações, processos ou comportamentos que, no geral, não possuem uma palavra nesta ou naquela língua como referência. E no objeto de estudo deste trabalho, se trata da aplicação de palavras e expressões que não há na língua Guajajara. Entretanto, no decorrer do trabalho já percebemos indícios de que algumas palavras são passíveis de adaptação e, mesmo assim, alguns indígenas preferem manter expressões ou palavras que pertencem à outras línguas, usadas individualmente por elas. Com este processo, acabam por influenciar que os termos passem a ser usadas com popularidade.

Para Langacker (1972, p. 186), “o empréstimo não é nunca uma necessidade linguística, visto ser sempre possível ampliar e modificar o uso das unidades lexicais existentes para fazer face às novas necessidades de comunicação”. Porém, é preciso fundamentar isso na prática e inserir essa interpretação nas escolas indígenas.

Não podemos ignorar que, em relação aos povos indígenas Guajajara, é notório a diferenciações na pronúncia das palavras, que se dá por meio da adaptação dos sons, assim como pela adequação ao

padrão fonológico da língua indígena. E é esta característica em especial que mostra a razão pela qual o fenômeno recebe o nome de empréstimo linguístico. Para Tagliavini (1993, p. 373) “os empréstimos servem admiravelmente para reconstruir a história cultural de uma nação e suas relações com os outros povos, e não faltaram obras em que se ilustra a história da cultura precisamente através dos empréstimos”. A seguir, destacamos alguns exemplos:

- a. *makazer*
macaxeira
'macaxeira'
- b. *tàg*
'tanga'
- c. *tàmàg*
tamanco
'calçado'
- d. *koraz*
coragem
'coragem'
- e. *xapat*
sapato
'sapato, tênis'

Tendo em vista as especificidades de cada região dentro das Terras Indígenas do povo Guajajara, observa-se ainda que o neologismo pode ser formado a partir de elementos da própria língua indígena,

quando o falante tenta traduzir para o Tenetehar certas expressões que não existem na língua, como nos exemplos arrolados abaixo:

Exemplos:

- | | | | |
|-----|--|-------------------------------|-------------------------------------|
| (1) | <i>zawixi</i>
jabuti
'policial' | <i>ape-kwer</i>
casco-PASS | |
| (2) | <i>karaiw</i>
homem branco
'televisão' | <i>h-agapaw</i>
3SG-foto | <i>h-exak-(h)aw</i>
3SG-ver-NOML |
| (3) | <i>kàn-'y-kwer</i>
cana-água-PASS
'rapadura (o que foi o caldo/líquido da cana)' | →
→ | <i>kàn-y-kwer</i>
cana-água-PASS |

Tendo por base as assunções acima, o objetivo nas próximas subseções é analisar os vários casos de surgimento de neologismos por derivação prefixal (NDP), e neologismos por derivação sufixal, que ocorrem na língua Tenetehar/Guajajara. O que veremos é que os dois processos morfológicos atuam na formação de neologismos. Começemos com a discussão de neologismo por derivação prefixal.

4.1.2. NEOLOGISMOS POR DERIVAÇÃO PREFIXAL (NDP)

Os dados colhidos até o momento mostram que há neologismos formados a partir de processo morfológico conhecido como derivação por

prefixação. Neste processo, o template morfológico se dá pela estrutura {prefixo+lexema}. Este processo morfológico é o mais frequente para o surgimento de novas palavras, que se encontra no contexto social da língua Tenetehar/Guajajara, conforme arrola nos exemplos abaixo:

- (1) *i-chinele* *pe*
 3-chinelo em
 ‘no chinelo dela’
- (2) *ne-moto* *rehe* *e-ho*
 tua-moto em 2IMP-ir
 ‘Vai, na tua moto!’
- (3) *na-pouc-a’i- kwaw* *teko* *pepe* *wà*
 NEG-ser pouco-DIM-NOML gente ai PL
 ‘Aí tem muita gente (não tem pouca gente aí).’
- (4) *i-computador* *ae* *pe*¹⁸ *a’e*
 3SG-computador ENF ai ele
 ‘Ele, o computador, é dele mesmo.’

Observa-se que, na tradução dos neologismos acima, permanecem itens lexicais que são da língua portuguesa. Os dados acima foram frases traduzidas a partir de fala da oralidade, o que está em consonância com o pressuposto de Maia (2006, p.23), conforme o qual o adequado é que os linguistas registrem as formas linguísticas que

¹⁸ Pepe é um locativo que indica que algo está longe do falante, mas não é visível pelo falante. Já pe é outro locativo que indica que está longe do falante e que é visível.

se observam em uma determinada comunidade, sem ditar regras e se escolher as formas que acham mais “certas” ou mais “bonitas”.

Nas construções de posse, o lexema oriundo de outra língua portuguesa recebe o prefixo de posse {i-} ‘dele’ e {ne-} ‘teu’. Os temas nominais recebem a vogal final {e-} ou {à-} e em outros casos podem ocorrer, por exemplo, uma referência à negação por meio do prefixo {na-}, conforme mostram os dados abaixo, onde incluímos este último prefixo.

- (5) *i-chinele*
3SG-chinelo
‘chinelo dele’

- (6) *i-computador*
3-computador
‘O computador dele’

- (7) *ne-moto*
2-moto
‘tua moto’

- (8) *na-pouc-a’i kwaw*
NEG-pouco-DIM-NOML
‘muito’

- (9) *i-geladeir-à*
3-geladeira-DEM
‘Esta geladeira dele(a)’

- (10) *i-celular*

3-celular
'celular dele(a)'

(11) *i-televisão*
3-televisão
'televisão dele(a)'

(12) *i-relógio-à*
3-relógio-este
'Este relógio dele(a)'

(13) *i-fogão*
3-fogão
'Fogão dela(a)'

(14) *i-sapat-à*
3-sapato-este
'Este sapato dele(a)'

(15) *i-caminhão*
3-caminhão
'carro dele(a)'

(16) *i-tênis*
3-tênis
'tênis dele(a)'

(17) *i-piada*
3-piada
'piada dele(a)'

(18) *i-caneta*
3-caneta

'caneta dele(a)'

- (19) *i-cadeira*
 3-cadeira
 'cadeira dele(a)'

No uso da língua Tenetehar/Guajajara, o prefixo relacional de posse {i-} pode ser facilmente substituído pelos prefixos {wa-}, {ure-}, {pe-}, {zane-}, que indicam posse no plural ou faz referência de posse a outra pessoa como {ne-} ou a 1ª pessoa no singular usando o {he-}, já acontecem constantemente, como vemos adiante. Uma atenção especial deve ser dada aos prefixos {ure-}, que indica um grupo de pessoas, mas o emissor não inclui o receptor; {pe-} o emissor não se inclui no grupo dos receptores; e {zane-} o emissor e os receptor são inclusos.

Assim temos:

- (26) *he-geladeir-à*
 1-geladeir-DEM
 'Esta minha geladeira'
- (22) *ne-geladeir-à*
 2-geladeir-DEM
 'tua geladeira'
- (23) *ure-geladeir-à*
 1PL_{exclusivo}-geladeir-DEM
 'nossa geladeira'

- (24) *zane-geladeir-à*
 1PL_{inclusivo}-geladeira-DEM
 ‘nossa geladeira’(todos)
- (25) *pe-geladeir-à*
 2PL-geladeir-DEM
 ‘geladeira de vocês’
- (20) *i-geladeir-à*
 1PS-geladeir-DEM
 ‘Geladeira dele’
- (21) *wa-geladeir-à*
 3-geladeir-NOML
 ‘geladeira deles’

Nos exemplos acima, observa-se que as palavras em português foram adaptadas para o contexto de comunicação entre os falantes da língua indígena Tenetehar/Guajajara. Assim sendo, os prefixos {i-}, {he-} {wa-}, {ure-}, {pe-}, ne-},{zane-} são acrescentados a essa base lexical do português para indicar que alguém estar em posse de algo. O prefixo {he-} indica a primeira pessoa; {ne-} indica que o possuidor é segunda pessoa; o prefixo {i-} indica que o possuidor é da terceira pessoa, e os prefixos, {wa-}, {zane-} e {ure-} se referem ao coletivo, ou seja mais de um possuidor. Assim, citamos exemplos de cada um logo abaixo:

- (27) *he-geladeir-à*

1SG-geladeira-NOML
 'minha geladeira'

(28) *ne-celular*
 2 SG -celular
 'teu celular'

(29) *i-computador*
 3SG-computador
 'computador dele(a)'

(30) *ure-fogã-à*
 1PL_{exclusivo}-fogão PL
 'nosso fogão'

(31) *zane-mot-à*
 1PL_{inclusivo}-motoNOML
 'nossa moto'

(32) *pe-projet-à*
 2PL-projeto-NOML
 'projeto da comunidade'

(33) *wa-patrã* *wà*
 3PL-patrão PL
 'patrão deles'

Torna-se necessário enfatizar neste trabalho como seria a tradução de algumas frases para a língua Tenetehar/Guajajara e mostrar que é possível sim fazer tradução para a língua materna. É certo que a tradução é de forma sugestiva, dada as discussões que já giram em torno

Outro tipo de formação que se observa na língua se refere a adaptações feitas a partir da estrutura gramatical da língua Tenetehar/Guajajara. Neste sentido, arrolamos aqui uma lista de conceitos do português que são adaptados e traduzidos para o Tenetehar/Guajajara. São itens muito recorrentes na língua, e que são usados frequentemente pelos falantes no cotidiano. Essas estratégias de formação de neologismos podem ser notadas pela tradução dos lexemas arrolados na seção anterior. Nesses itens podem ocorrer tanto processos de derivação por prefixação e sufixação, conforme mostram os exemplos abaixo:

- (1) *ʼy i-murixàg haw*
 Água 3-gelar NOML
 ‘geladeira’
- (2) *amo muita har pe ze’eg haw*
 alguém-longo-NOML em falar-NOML
 ‘telefone/celular’
- (3) *katu ʼym ma’e i-apo har*
 Bom NEG algo 3-fazer-NOML
 ‘mandrake’¹⁹ (usado para maluco)
- (4) *pape kair haw i-gaiga pyr*
 papel-riscar-NOML 3-apertar-NOML

¹⁹ *Embora este não seja o sentido social da palavra

‘computador/notebook’

- (5) *ma'e i-murixàg haw*
 algo 3-gelar NOML
 ‘freezer (aquilo que se gela algo, pode ser qualquer coisa, frango, cerveja, carne, caça etc)’
- (6) *'y i-muàtà-kar-pyr-er*
 água- 3SG-endurecer-fazer-NOML-PASS
 ‘gelo’
- (7) *'y i-mono haw*
 água 3SG -coloca NOML
 ‘balde’
- (8) *'y-'u haw*
 água-comer-NOML
 ‘copo’
- (9) *py rehe har*
 pé em NOML
 ‘chinelo’
- (10) *'or h-exak haw*
 hora 3SG-ver NOML
 ‘relógio’
- (11) *he-men*
 1SG-marido
 ‘meu marido (meu velho/véi)’
- (12) *tiry-we*
 mover-voa
 ‘barata’

- (13) *xà-pirà-kàkàg* *i-muata-kar-pyr*
 ver-peixe-cabeça 3-SG-andar-CAUS-NOML
 'moto'
- (14) *ywyra mawa*
 madeira-rodas
 'caminhão' (qualquer carro)
- (15) *xà-pirà-kàkàg*
 ver-peixe-cabeças
 'bicicleta'
- (16) *à-kàg i-mono katu haw*
 DEMS-cabeça-3SG-colocar-bom-NOML
 'capacete'
- (17) *py-nyk haw*
 pé-dança-NOML
 'festa'
- (18) *py-nyk haw ma'e-ze'eze'eg ma'e rehe*
 pé-dança-NOML-algo-falante-algo-DEMS
 'paredão(som automotivo)'
- (19) *'y i-mono'og haw*
 água-3-SG-juntar-NOML
 'caixa d'água'
- (20) *puapy-w har*
 pulso-DEMS-NOML
 'pulseira'
- (21) *puru-mu-muhà-muhàg ma'e wà*

REFLEX-dar-ajudar-medicação-algo-NOML
 'polo base' (Equipe Multidisciplinar da Saúde indígena)

- (22) *a-pyk haw*
 alguém-sentar-NOML
 'cadeira/banco'
- (23) *teme-tarer heta haw*
 DEMS-movimento-ter-NOML
 'banco'
- (24) *xe h-ape hexak haw*
 ADV-PPOSS-caminho-ver-NOML
 'link'
- (25) *i-mugwer haw*
 3SG-apagar-NOML
 'deletar/apagar'
- (26) *h-exak katu pyr*
 3PS-ver-bom-NOML
 'tchan'
- (27) *puràgete-ahy ma´e*
 bonita-INTS-algo
 'tchutchuca/bonita'
- (28) *kuzà wyzài har*
 mulher -qualquer-NOML
 'piriguete'
- (29) *kwahare-arer wa-zemaraz haw*
 menino-PL-PPOSS-brincar-NOML
 'playground'

- (30) *i-muzar katu haw*
3-apregar-bom-NOML
'conectar'
- (31) *ha-gapaw iapo haw*
experimento-foto-fazer-NOML
'Scannear'
- (32) *hexa-exak katu haw*
ver-INTS-bom-NOML
'mouse'
- (33) *ma'e ime'eg tete-a'u haw*
algo-vender-muito-INTS-NOML
'shopping'
- (34) *paw rupi har zepe*
todos-REL-NOML-dúvida
'wi fi'
- (35) *paw rupi ze'eg haw ywy nànnàn har*
todos-DESC falar NOML terra todos NOML
'internet'
- (36) *karai-raiw wan-agapaw hexak haw*
homembranco-PL-PPOSS-foto-ver-NOML
'televisão'
- (37) *hagapaw*
desenho
'foto'
- (38) *he-he i-mono pà*
3SG-PPOSS-3SG-colocar-DEMS
'postar'

- (39) *tata he-naw temi' u iapo haw*
fogo-3SG-assento-comida-fazer-NOML
'fogão'
- (40) *tu w-agaw*
pai dele-1SG-experimento
'patrão (agiota)'
- (41) *ma'e-reko haw paw rupi har*
algo-trabalho-NOML-todos-DESC-NOML
'projeto da comunidade'
- (42) *ze-muryw-paw*
REFLEX-alegria-todos
'gincana'

No contexto de fala entre os indígenas algumas dessas palavras ficam assim, nas frases:

- *heta 'y i-murixàg haw aipo ne-we*
haver água3-gelar NOML PART TU-para
'Você tem geladeira?'
- *heta putar zemurywpaw nehe*
haver FUT gincana FUT
'vai ter gincana'

A partir destes dois exemplos é possível assegurar que existem casos em que é possível, em alguns casos, evitar os

empréstimos linguísticos, é necessário apenas que os próprios falantes nativos busquem conhecer de fato a língua indígena Guajajara, sob a ótica sistemática dos conceitos linguísticos. Somente em posse desses conhecimentos técnicos científicos que vamos fortalecer de fato a língua como riqueza imaterial. Caso contrário, indígenas vão continuar criando conflitos internos por falta de conhecimento assim como acontece com a variação linguística. Sabemos que na maioria dos casos, o empréstimo é inevitável, mas antes de tudo é preciso conhecer de fato a língua.

Após mostrar os processos de formação de neologismos por meio de recursos gramaticais internos à língua, passemos a análise dos processos de formação de neologismos por meio da derivação sufixal.

4.1.4. NEOLOGISMOS POR DERIVAÇÃO SUFIXAL (NDS)

A outra situação de formação de neologismos se dá por meio de processos de sufixação. Nota-se que há poucas modificações quando se faz o acréscimo de um sufixo a uma base lexical, conforme mostram os exemplos:

- (1) *precisar-tar* *h-aikwer* *romo* *zane-ho-haw* *no*
 precisar-FUT 3-atrás TRANSL nós-ir-NOML
 novamente
 ‘Precisamos ir atrás dele.’

- (2) *Coloin-pe* *har wà*
 colônia-em NOML-PL
 ‘moradores da Aldeia Colônia’
- (3) *ai ‘aw* *a’e* *Enfermeirà*
 alguém-este ela enfermeira-NOML
 ‘esta é a enfermeira’
- (4) *internet-i-à* > (do inglês *internet*)
 internet-3-NOML
 ‘a internet’
- (5) *televisã-wà*
 televisão-PL
 ‘a televisão’
- (6) *fot-à*
 foto-NOML
 ‘a foto’
- (7) *mamãe-zaw*
 mamãe-NOML
 ‘a mãe’
- (8) *doutor-à*
 doutora-NOML
 ‘a doutora’
- (9) *cox-à* *rehe*
 coxa-NOML anexo
 ‘na coxa’
- (10) *pressão-wà*

hipertensão-PL
'pressão alta'

Um detalhe importante a ser enfatizado é que na maioria dos casos em que a palavra emprestada recebe adaptação envolvendo os sufixos, e em alguns casos do prefixos, acontecem a dificuldade de tradução da palavra ou a tradução é muito extensa. Por exemplo, a tradução de hipertensão seria, - '*ià'à ipu haw nawerota'i kwaw a'é*'. Colocar esta tradução no contexto de fala explicativa é possível, porém para o cotidiano se torna inviável. Desta forma, provamos mais uma vez que existem inúmeras possibilidades, mas poucas vezes buscadas e utilizadas, na maioria das vezes por falta de conhecimento.

Após a apresentação dos processos de formação de palavras por meio de sufixação, passemos agora para a análise dos processos feitos para adequar-se à estrutura gramatical da língua Tenetehar.

4.1.5. NEOLOGISMOS POR ADEQUAÇÃO DA PRÓPRIA LÍNGUA TENETEHAR GUAJAJARA

No processo de formação de palavras para criar neologismos utilizando recursos morfossintáticos internos à própria língua tenetehar, é importante destacar que esta é uma situação se deve principalmente a

necessidades comunicativas derivadas das situações de contato interétnico. Assim sendo, as novas palavras surgem a partir da necessidade de se traduzir ideias e conceitos que não existem na cosmologia Tenetehar. A título de exemplificação, observem os exemplos arrolados abaixo:

- (1) *'y ràn*
água-falso
'refrigerante'
- (2) *'y ràn xí zar*
água-falso-INTJ-fala
'refrigerante'
- (3) *yw-ar*
pé de-cima
'morador(a)' (de determinado local)
- (4) *muhàg i-aky har*
remédio-3SG-mexer-NOML
'enfermeiro(a)'
- (5) *uhu-a' u ma'e*
grande-INTS-algo
'chefe' (autoridade)
- (6) *hekar-katu-pyr*
procurar-bem-NOML
'precisar'
- (7) *e-mono katu ne-zeupe*
2SG-dar-bem-2SG-a-sí-mesmo
'entender'

- (8) *u-pyta putar a´e*
3-ficar-querer-ele
'internação em hospital'
- (9) *zu-apyr wi haw*
REFLEX-sobre-INTS-NOML
'repetir'
- (10) *py-tu´u haw*
pé-parar-NOML
'descansar'
- (11) *ze-mu´e haw*
REFLEX-ensinar-NOML
'estudar'
- (12) *ze-mu´e wera´u haw*
REFLEX-ensinar-mais-INTS-NOML
'faculdade'
- (13) *ze-mu´e haw imu-eta haw*
REFLEX-ensinar-NOML-dar-ter-NOML
'biblioteca'
- (14) *pape hu*
papel-grande
'livro'
- (15) *ze-mu´e haw rehe he-kar haw*
REFLEX-ensinar-NOML-anexo-PPOSS-caçar-NOML
'pesquisa'
- (16) *puru-mu´e ma´e*
REFLEX-ensinar-algo
'professores'

- (17) *ze-mu'e ma'e*
REFLEX-ensinar-algo
'alunos'
- (18) *ze-mu'e haw he-ru-ze'eg har* *he-naw*
REFLEX-ensinar-NOML-1SG -pai-falar -NOML-1SG-assento
'diretoria' (Escola)
- (19) *mu-hàg*
dar-força
'remédio'
- (20) *puru-mu-muhàg katu haw*
REFLEX-dar-ajudar-medicação-bom-NOML
'curativo'
- (21) *karaiwwa-nu-pe z-exak karhaw*
homem branco-3-REL-em-REFLEX –ver-fazer-NOML
'exames'
- (22) *tipy'ak*
fundo-cheiro
'beiju'
- (23) *ma'e-iwa tykwer*
algo-fruta-caldo
'suco'
- (24) *mu-hàg i-kwaw har wa-nu-pe ze'eg haw*
dar-ajuda-3SG-saber-NOML-3SG-REL-em-falar-NOML
'consulta'
- (25) *kwar-ahy i'ar rehe*
abertura-INTS-3-dia-anexo
'ano'

Obs: *kwar-ahy*
 abertura- INTS
 'sol'

- (26) *ze-mu´e haw pe har pape*
 REFLEX-ensinar-NOML-em-NOML-papel
 'caderno'
- (27) *pape kair haw i-mugwer pyr*
 papel-riscar-NOML-3SG-apagar-DESC
 'lápiz'
- (28) *pape kair haw i-mugwer pyr ´ym*
 papel-riscar-NOML-3SG-apagar-DESC-NEG
 'caneta'
- (29) *pape kair awer i-mugwer haw*
 papel-riscar-PASS-3SG-apagar -NOML
 'borracha'
- (30) *tata-iny i-hàm*
 fogo-brilha-3SG-que mantém amarrado
 'energia'
- (31) *tata-iny i-hàm ma´e*
 fogo-brilha-3SG-que mantém amarrado algo
 'lâmpada'

Na próxima seção, temos por objetivo tratar da formação de neologismos a partir das palavras que fluem das variações dialetais da própria indígena Tenetehar/Guajajara.

4.1.6. NEOLOGISMOS DA PRÓPRIA LÍNGUA TENETEHAR GUAJAJARA

Esse processo se dá quando dois ou mais elementos se unem para formar uma nova palavra, utilizando a estrutura gramatical da língua indígena. E como caso especial, no contexto social dos povos indígenas Guajajara, tais palavras fluem a partir de variações dialetais. E com isto pode-se afirmar que as palavras surgem a partir da comunicação entre os falantes da língua Guajajara, que fazem adequações e ajustes em alguns termos para facilitar a comunicação rápida e resumir o conteúdo a ser emitida. Com o objetivo de demonstrar os tipos de neologismo criados internos à gramática da língua, arrolamos na primeira coluna o neologismo e na segunda a origem da palavra:

- | | | | |
|-----|--|---|--|
| (1) | <i>a-rê kwei</i>
1SG-disse-PASS
‘eu disse’ | > | <i>a´e kwez ih-à²⁰</i>
disse-PASS-1 SG-NOML
‘eu disse’ |
| (2) | <i>pà-we kwei</i>
DEMS -ainda-DESC
‘ainda está lá’ | > | <i>uwe kwez pe-pe i-à</i>
DEMS-PASS-em-lá-3SG-DEMS
‘ainda está lá’ |

²⁰**Obs:** ao longo do texto falamos sobre variação linguística, e aqui temos um exemplo com o ‘kwez’, que em algumas regiões é usado como ‘kwei’. O sentido é o mesmo, a seguir segue mais um exemplo.

- (3) *nezewe tà* > *nezewe a-ty-(à) wà*
 assim-VBLZ assim-alguém-REL-homem-PL
 ‘é assim’ ‘é assim, pessoal’
- (4) *zurar* > *zawixi-ape-kwer*
 soldado jabuti-casca-PASS
 ‘polícia’ ‘soldado romano’
- (5) *merendà* > *temi’u ze-mu’e haw pe har*
 merend- DESC comida-REFLEX-ensinar-NOML-em-DESC
 ‘merenda escolar’ ‘merenda dos alunos’
- (6) *kàpitàw* > *tu-ixaw* > *tu-wi-haw*
 capitão pai-dito pai-repetir-NOML
 ‘cacique’ ‘cacique’ ‘cacique’
- (7) *u-mekuzar* > *mu-ipy*
 3-pagar o valordar-completar
 ‘preço/pagar’ ‘pagar algo’
- (8) *ham-ete* > *aze-haromo-ete*
 verdadeiro-INTS se-verdade-INTS
 ‘verdade’ ‘verdade’
- (9) *karuk (ou karok)* > *zane-karok*
 tarde nossa-tarde
 ‘boa tarde’ ‘boa tarde’
- (10) *ku’em* > *zane-ku’em*
 amanhecer nossa-amanhecer
 ‘bom dia’ ‘bom dia’
- (11) *te-no* > *te ma’u no*

verdade-novamente novamente		verdade-também- '(es)tá vendo!'
(12) <i>na'arew-ahy har a-ha</i> rápido- INTS-NOML-1SG-ir 'Dá um pulo'	>	<i>apywot har a-ha kwez</i> rápido-NOML-1SG-ir-PASS 'ida rápida'
(13) <i>'y ràn xi zar</i> água-falso-INTJ-faz 'refrigerante'	>	<i>'y ràn</i> água-falso 'refrigerante'
(14) <i>u-ma-mi'u teko wà</i> fazer-algo-contar-gente-PL 'conversa/diálogo'	>	<i>u-ma'e-mume'u teko wà</i> fazer-algo-contar-gente-PL 'conversa/diálogo'
(15) <i>xiro-gatu</i> variar- INTS 'vários'	>	<i>ze-iro-gatu</i> ²¹ DESC-variar- INTS 'vários'
(16) <i>zuwawy katu</i> diferente-bom 'iguais'	>	<i>u-zuwawy katu</i> DESC-diferente-bom 'iguais'
(17) <i>mo</i> quem 'se fosse'	>	<i>aze mo</i> se quem 'se fosse'
(18) <i>xia-pe</i> deixa-em	>	<i>tuwe nehe ri</i> deixar-NOML-FUT

²¹ termo '-gatu', é mais um exemplo de variação linguística, ou seja, em algumas regiões alguns falam '-katu', outros preferem '-gatu', como sufixo. O '-gatu' dá ideia de perfeição, assim como 'ze'egatu haw' = 'elogios'.

	‘deixa’		‘pode deixar’
(19)	<i>zi’it-ahy</i> cedo- INTS ‘cedinho’	>	<i>pytun-àwe</i> noite-ainda ‘cedo’
(20)	<i>te-he</i> pessoa-tia ‘tia’	>	<i>zai-he</i> mulher-tia ‘tia’
(21)	<i>z-i-puez</i> REFLEX-3-lavar ‘lavar as mãos’	>	<i>z-e-puez</i> REFLEX-3-lavar ‘lavar as mãos’
(22)	<i>i-munar ma’e</i> 3-roubar-algo ‘ladrão’	>	<i>i-munar-aze ma’e</i> 3-roubar-se-algo ‘ladrão’
(23)	<i>piru</i> peru ‘peru’	>	<i>mutu-ràn</i> mutum-falso ‘peru’
(24)	<i>na’arew ahy</i> rápido-INTS ‘rápido/agora’	>	<i>na’ar-ityk-ahy-a’i</i> rápido-derrubar-INTS-DESC ‘rapidíssimo’
(25)	<i>ma’e-hyru</i> algo-saco ‘bolsa/mochila’	>	<i>kuzà-hàm</i> mulher-que mantém amarrado ‘bolsa artesanal que carrega tudo’
(26)	<i>kor rupi-a’i zepe kwez</i> ADV-anexo-INTS-dúvida-PASS ‘faltava pouco’	>	<i>kuzawot-a’i zepe kwez kury</i> pouca coisa-INTS-PASS-REL ‘faltava pouco’
(27)	<i>ne-mu’i</i>	>	<i>i-ne-mu’i</i>

	2PS-cortar em pedaços 'linha de costura'		3-2-cortar em pedaços 'linha de costura'
(28)	<i>moko</i> mocó 'bolsa de lado'	>	<i>pà-tà-ron</i> REL-duro-anexo 'saquinho para coisas pequenas'
(29)	<i>papaz hu</i> papai grande 'chefe'	>	<i>tu-i-xaw</i> pai-dito 'chefe'ou 'cacique'
(30)	<i>màmàz hu</i> mamãe grande 'chefa'	>	<i>tu-i-xàw kuzà</i> pai-dito mulher 'chefa'ou 'cacica'
(32)	<i>zane-pytun</i> nossa-escurecer 'boa noite'	>	<i>zane-karok</i> ²² nossa-tarde 'boa tarde'
(33)	<i>mirà-miri</i> pássaro-pequeno 'pássaro'	>	<i>wiràmiri</i> pássaro-pequeno 'pássaro'
(34)	<i>ma-miri</i> tipo-pequeno 'piaba'	>	<i>wa-miri</i> tipo-pequeno 'piaba'
(35)	<i>mà-riàwe</i> algo-ADV	>	<i>marà-zàwe</i> algo-ADV

²² Até um certo tempo atrás não se ouvia falar '*zanepytun*' como uma saudação. Embora as duas palavras seja de uso no cotidiano, porém separados. Entretanto, nos últimos anos, passou a ser usado com frequência como saudação substituindo '*zanekarok*'

‘como’ou ‘por que’

‘como’ou ‘por que’

Após apresentar os principais processos de formação de neologismos, interessa-nos, na próxima seção, apresentar uma breve descrição dos principais itens que compõem os arcaísmos na língua.

4.2. Os ARCAÍSMOS

Conforme apresentamos no capítulo do aporte teórico, arcaísmos são itens lexicais que já não se usam tão frequentemente na fala cotidiana. São expressões, palavras que ou usos de sintaxe que já não são mais de uso corrente entre os falantes. A origem desse fenômeno são vários fatores, entre os quais está a influência de não indígenas falantes da língua portuguesa nas aldeias. Sabemos que todas as línguas são dinâmicas e estão em constante movimento, as vezes em equilíbrio ou desequilibrado. Para Cunha e Cardoso (1976, p. 210) arcaísmos são “palavras, expressões, formas e tipos de construção sintática que não são mais correntes em determinada fase da língua”. Já para Coutinho (1976, p. 210), arcaísmos ‘são palavras, formas ou expressões antigas que deixaram de ser usadas’. Outra visão que vale destacar é o arcaísmo

“como uma forma léxica ou construção sintática pertencente, numa dada sincronia, a sistema desaparecido ou em vias de desaparecimento”, segundo Dubois *et al* (1998, p. 65).

A partir das diferentes visões sobre arcaísmos, faz-se importante destacar que os Guajajara reconhecem que o acesso às novas tecnologias, o contato interétnico com os não indígenas contribui para que certas palavras se tornem arcaísmos. No intuito de exemplificar os principais itens que são arcaísmos na língua, arrolamos a seguir os principais arcaísmos e os comparamos com os itens que os substituem e que, portanto, podem ser classificados como neologismo.

Arcaísmos	Neologismos
(1a) <i>ze-mono'og-haw</i> REFLEX-juntar-NOML 'reunião'	(1b) <i>reunião wà</i> reunião-PL 'reunião'
(2a) <i>tuixaw</i> <i>pai-dito</i> 'cacique'	(2b) <i>kàpitàw</i> <i>capitão</i> 'cacique'
	(2c) <i>papaz hu</i> <i>papai grande</i> 'cacique'
(3a) <i>puru-mu'e ma'e</i> REFLEX-ensinar-algo	(3b) <i>professor wà</i> professor-PL

- | | | | |
|-------|---|-------|---|
| | ‘professor’ | | ‘professor’ |
| (4a) | <i>kàràì-ràn wà</i>
homem branco-falso-PL
‘os crentes, evangélicos’ | (4b) | <i>irmão wà</i>
evangélico PL
‘os crentes, evangélicos’ |
| (5a) | <i>mui-pyr</i>
dar-completar
‘pagar algo’ | (5b) | <i>me-kuzar haw</i>
3SG-preço-NOML
‘pagar algo’ |
| (6a) | <i>i-puru’a i-ko</i>
3SG-gravida-3SG-ser
3SG-ser
‘ela está grávida’ | (6b) | <i>i-akyr i-ko</i>
3SG-fruta verde-
‘grávida’ |
| (7a) | <i>a’é kwez i-hà</i>
disse-PASS-3SG-DESC
‘eu disse’ | (7b) | <i>a-rê kwez</i>
1SG-disse-PASS
‘eu disse’ |
| (8a) | <i>u-we kwez pe-pe i-à</i>
3SG-está-PASS-em-lá-3SG-DEMS
‘ainda está lá’ | (8b) | <i>pà-we kwez</i>
DEMS-está-PASS
‘ainda está lá’ |
| (9a) | <i>nezewe a-ty-(à) wà</i>
assim-alguém-REL-homem-PL
‘é assim’ | (9b) | <i>nezewe tà</i>
assim-VBLZ
‘é assim’ |
| (10a) | <i>zawixi-ape-kwer</i>
jabuti-casco-PASS
‘soldado romano’ | (10b) | <i>zurar</i>
polícia
‘polícia’ |
| (11a) | <i>pytywà</i>
ajuda
‘ajudar’ | (11b) | <i>ajudar haw no</i>
ajuda-NOML-novamente
‘ajudar’ |

- | | |
|--|---|
| <p>(11a) <i>aze-haromo-ete</i>
se-verdade-INTS
'verdade'</p> | <p>(11b) <i>hame-te</i>
verdadeiro-INTS
'verdade'</p> |
| <p>(12a) <i>zane-karok</i>
nossa-tarde
'boa tarde'</p> | <p>(12b) <i>karok (ou karuk)</i>
tarde
'boa tarde'</p> |
| <p>(13a) <i>zaneku'em</i>
nossa-amanhecer
'bom dia'</p> | <p>(13b) <i>ku'em</i>
amanhecer
'bom dia'</p> |
| <p>(14a) <i>te ma'u no</i>
verdade-também-novamente
novamente
'(es)tá vendo!'</p> | <p>(14b) <i>te no</i>
verdade-
'(es)tá vendo!'</p> |
| <p>(15a) <i>apywot har aha kwez</i>
<i>kwez</i>
rápido- NOML-1SG-ir-PASS
ir-PASS
'ida rápida'</p> | <p>(15b) <i>na'arew har aha</i>
rápido-NOML-1SG-
'dá um pulo'</p> |
| <p>(16a) <i>kokomo-gatu</i>
jovem-INTS
'jovem'</p> | <p>(16b) <i>pyahu katu we</i>
jovem-bom-ainda
'jovem'</p> |
| <p>(17a) <i>kuza-waza</i>
mulher-virgem
'moça'</p> | <p>(17b) <i>i-wazakatu we</i>
3SG-virgem-bom-ainda
'moça'</p> |
| <p>(18a) <i>ze-py'a ma'e-apo</i>
REFLEX-fígado -algo-fazer</p> | <p>(18b) <i>pensar-haw</i>
pensar-INTS</p> |

'ato de pensar'	'ato de pensar'
(19a) <i>kunumi</i> menino pequeno 'criança'	(19b) <i>kwaharer</i> menino 'criança'
(20a) <i>ywy-ok</i> terra-casa 'parede de casa'	(20b) <i>parede-à</i> parede-NOML 'parede de casa'
(21a) <i>xapat</i> sapato 'calçado tênis'	(21b) <i>têni-zà</i> tênis-NOML 'calçado tênis'
(22a) <i>kuzawot-a'í zo</i> pouca-coisa-INTS-só 'só um pouco'	(22b) <i>pouk-a'í</i> pouco-INTS 'só um pouco'
(23a) <i>mirahu haw</i> complicar-INTS 'difícil'	(23b) <i>za-waiw katu</i> REFLEX-ruim-bem 'difícil'
(24a) <i>py-nyk haw</i> pé-dançar-INTS 'festa da cultura não indígena'	(24b) <i>festà</i> festa-DEM 'festa não indígena'
(25a) <i>tu-wi-haw-ete</i> pai-repetir-NOML-INTS 'autoridade'	(25b) <i>tu-wi-haw</i> pai-repetir-NOML 'autoridade'
(26a) <i>puràg-ete-ahy</i> bonito-DESC-INTS 'bonita'(o)	(26b) <i>puràg-a'í</i> bonito-DIM 'bonita'(o)
(27a) <i>karaiw</i> não-indígena	(27b) <i>a-pyaw</i> 3SG-diferente

'homem branco'	'homem branco'
(28a) <i>zurupari</i> coisa ruim 'satanás'	(28b) <i>naiw-er</i> besta-INTS 'satanás' (ou coisa ruim)
(29a) <i>i-ra-naiw-er</i> 3SG-NOML-doido-INTS 'abestado'	(29b) <i>naiw-er</i> besta-INTS 'abestado'
(30b) <i>he-ha-pi'ahy</i> 3-pressa-subir-INTS 'apressado'	(30b) <i>he-haite-ahy</i> 3SG-pressa-INTS 'apressado'

Os exemplos que foram citados demonstram que houve muitas mudanças envolvendo palavras e expressões. Entretanto, destaco os exemplos 28b, 29a e 29b, por envolver a mesma palavra, diferenciando apenas o exemplo 29a pelo prefixo '*ira-*'. O que temos aqui é o exemplo que citamos antes, como sendo neologismo de base semântica, que utiliza a mesma palavra mas com outro sentido. Na prática, o exemplo 29a é a origem dos termos que seguem no 28b e 29b. Assim, o termo '*naiwer*' passou a ter outro significado e isso depende muito da frase onde ela vai ser inserida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação demonstrou que a existência dos neologismos surge devido ao contato linguístico, pois nem sempre é possível expressar conceitos novos que existem na língua de origem na língua alvo, no caso a língua/ ze'egete Tenetehar/Guajajara. O neologismo pode ser, então, visto, como sendo a tradução de conceitos abstratos e tecnológicos da língua de origem para permitir maior elasticidade na comunicação interétnica. Assim, faz-se necessário adotar palavras de outra língua seja por meio de tradução na língua guajajara seja por meio de adaptações fonológicas na língua indígena.

Observamos ainda que o neologismo pode surgir a qualquer momento, visto que estamos em constante movimento, transitando entre pessoas, culturas e línguas diferentes. E muitas conexões e trocas de ideias são colocadas em evidência. Desta forma, concluímos que há muito o que aprender sobre as várias formas em que se formam os neologismos, dado o dinamismo que é o contato interétnico.

Já em relação ao arcaísmo, a pesquisa revela que muitas palavras não se utilizam mais devido às adequações que foram feitas a uma determinada palavra da língua portuguesa. Essas recebem muitas vezes

acréscimos seja de um sufixo seja de prefixo na língua indígena, como é o caso da palavra abaixo:

- *i-chinel-e pe* (chinelo dele ou dela) substitui *py rehe har*.

Notem que a palavra acima acaba entrando no vocabulário lexical da língua guajajara por causa de uma aceitação “forçada”, provocada pela necessidade de comunicação resultado do contato sociolinguístico, que se dá entre os guajajara e os falantes de português nas várias aldeias Tenetehar, do Pará ao Maranhão.

Tendo em vista o que tratamos até aqui, envolvendo neologismos e arcaísmos e apontando algumas especificidades dos morfemas e afixos, observa-se que de fato é uma necessidade urgente explorar os impactos das transformações científicas e tecnológicas na humanidade, proposto por Nicolelis (2024), em seu livro “Nada Mais Será Como Antes’. As mudanças e as adaptações são inevitáveis, porém é necessário valorizar a riqueza imaterial da língua materna.

As mudanças e as adaptações são visíveis, mas muitas vezes ignoradas pelos próprios falantes, às vezes por ignorância, ou convencida pela necessidade de aceitação. Por outro lado, algumas palavras tiveram mudanças de forma interna, na comunidade. O exemplo

disso, é tradução de uma ‘confirmação’: *azeharomoete*, passou por uma transformação, ou redução, e passou a ser apenas *hamete*.

A proposta deste trabalho, como já foi dito é documentar a importância da valorização linguística da língua Guajajara. Na mesma proporção, não são questionamentos aos estudos já realizados até aqui por outros pesquisadores, mas como falante nato, em posse de conhecimentos técnicos e científicos, busquei com essa dissertação apontar que é possível amenizar mudanças radicais no contexto linguístico desta comunidade. Tais mudanças têm tornado obsoletos algumas palavras que tem a ver com o legado histórico dos mais velhos.

As inovações nas expressões linguísticas vão continuar, porém, o que nos liga à ancestralidade, ao conhecimento repassado de geração em geração, por meio da oralidade passa pela valorização de termos, palavras e expressões que os mais velhos usavam. Cito como exemplo o lexema *muipyr* ‘vender’, o qual os Tenetehar/Gujajara mais antigos não necessitavam, pois não tinham o hábito de vender ou comprar. Sabiam, no entanto, o conceito de ‘dar, completar, ajudar’. Os caçadores ou pescadores davam a caça ou peixe para os familiares e partilhavam-nos entre aqueles que estivessem na aldeia. Procuravam quem não tinha farinha, arroz, ou quem não tinha nem um pouco, e a partir dessa

constatação davam ou completavam o que faltava aos parentes mais necessitados. Desta forma, enfatizamos que são necessários mais estudos sobre estes conhecimentos sociolinguísticos que permeiam a cultura e a cosmologia dos Tenetehar/Guajajara.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Sylvio Fróes. Na Terra das Palmeiras – Coleção Estudos Brasileiros, Officina Industrial Graphica – RJ. Ed. 2012.
- ALVES, I. M. O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação lingüística. Alfa, São Paulo, 40, p. 11-16, 1996. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3992>>. Acesso em: 18 dez. 2024.
- APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. Contato Linguístico e Bilinguismo. Reino Unido. Arquivo acadêmico de Amsterdã, 1987.
- ARAGON, Carolina Coelho. *Fonologia e aspectos morfológicos e sintáticos da língua akuntsu*. Brasília: UnB, diss. de mestrado. (2008).
- BARBOZA, Tereza Maracaipe. LÍNGUA GUAJAJARA: UM ESTUDO DOS FENÔMENOS LINGÜÍSTICOS INDUZIDOS PELO CONTATO COM O PORTUGUÊS. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso. 2015
- BIDERMAN, Maria Tereza. *Teoria lingüística: leitura e crítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Manual de Sociolinguística*. 1. ed., 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2017.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria da Saúde Indígena. Plano Distrital da Saúde Indígena – DSEI MARANHÃO 2024-2027
- CABRÉ, M. T. Terminology: Theory, Methods, and Applications. Amsterdam/Philadelphia, UK: John Benjamins Publishing, 1999.
- CAMARGOS, Quesler Fagundes. Aplicativização, causativização e nominalização [manuscrito]: uma análise unificada de estruturas argumentais em Tenetehára-Guajajára (Família Tupí-Guaraní). – 2017.

- CARONE, F. de B. *Morfossintaxe*. 9. ed. São Paulo: Ática: 2003.
- CARVALHO, Nelly. **Empréstimos linguísticos**. São Paulo. Editora Ática, 1989.
- _____. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática histórica*. 7.ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976. p. 210-220.
- CUNHA, Celso. CARDOSO, Wilton. *Estilística e Gramática Histórica*. Português através do texto. Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro, 1978.
- CRUZ, Olímpio Martins da. Cauré Imana: O Cacique Rebelde. Brasília, Thesaurus, 1982.
- DUTRA, Cristiano Corrêa. Labov como dinamicista: aproximando a Sociolinguística Variacionista às teorias de sistemas dinâmicos, adaptativos e complexos. *ReVEL*, edição especial n. 13, 2016. [www.revel.inf.br].
- DUARTE, Fábio Bonfim. Estudos de morfossintaxe Tenetehára. Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2007.
- DUARTE, Fábio Bonfim. Diversidade linguística no Brasil. Revista Caletroscópio. Ouro Preto, MG - UFOP, 2016.
- DUBOIS, J. *et al.* Dicionário de Linguística. 10ª ed. São Paulo: Cultrix, 1998.
- FERRAZ, Aderlande. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.). *O Léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.
- GÓMEZ MOLINA, José Ramón. Transferencia y Cambio de código en una comunidad bilíngüe área metropolitana de Valencia (I y II). **Contextos**, n.33-36, 309-360, 1999-2000.

IBGE. Censo, 2010. Disponível em:
<<https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/lingua-falada>> Acesso em: 11/05/2020

IBGE. Censo, 2022. Disponível em:
<<https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2023/08/07/censo-2022-maranhao-e-3o-estado-com-maior-populacao-indigena-do-nordeste-mais-de-72percent-vive-dentro-de-territorios-indigenas.ghml>>
Acesso em: 11/12/2024

LABOV, William. *Principles of linguistic change, volume 1: internal factors*. Oxford; Blackwell, 1994.

_____. *Principles of Linguistic Change*, volume 2: social factors. Oxford: Blackwell, 2001.

_____. *Principles of Linguistic Change*, volume 3: cognitive and cultural factors, 2010. Hoboken, Wiley-Blackwell, 2010.

LANGACKER, Ronald W. *A linguagem e sua estrutura*. Trad. Gilda Maria Corrêa de Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1972.

LIMA, Suzi Oliveira de (2008). *A estrutura argumental dos verbos na língua juruna (yudjá)*. São Paulo: USP, diss. de mestrado.

MAIA, Marcus. **Manual de Linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem** – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006, p.23.

MESQUITA, Roberto Melo. **Gramática da Língua Portuguesa**. 6. Ed. São Paulo: Saraiva, 1997. p.549

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza, (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

OLIVEIRA, Lozã de. **Gramática renovada da língua portuguesa**. [S.l.]: Ed.Sementecom e Ed. Ltda. p, 331.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção*. 2008. Disponível em: <http://projetos.unioeste.br/projetos/cidadania/images/stories/Fevereiro/Linguas_indigenas_brasileiras_ameaadas_de_extino.pdf>. Acesso em 10/05/2020.

_____. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

_____. Argumento e predicado em tupinambá. *Boletim da Abralin* 19, 57-66. Ano 1996.

Os Índios do Maranhão. O Maranhão dos Índios. Livreto. Disponível em: <acervo.socioambiental.org> Acesso em: 18/12/2024

PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

SILVA, Fernando Moreno da. E MAIA, Jorge Sobral da Silva. *NEOLOGISMOS NA MÍDIA EM MEIO À PANDEMIA DA COVID-19*. Tese de Pós Doutorado em Letras. Universidade Estadual do Norte do Paraná, 2020.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos. O conceito relativo de neologismo e arcaísmo: um estudo pancrônico. In: OLIVEIRA, K., CUNHA E SOUZA, HF., and SOLEDADE, J., orgs. *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 11-20.

SILVA, F. A. & DAMULAKIS, G. N. Lexical Amplification in Kaingang Stimulated by Contact with Brazilian Portuguese. In: *Kawsaxkuna: The University of Toronto Journal of Latin American Studies*. 16 - 23. v. 1. 2017.

SCHRÖDER, Peter. Artigo Os Índios do Maranhão. O Maranhão dos Índios. Universidade Federal de Pernambuco. Janeiro, 2002. p. 5. Adaptado e divulgado pela Associação Carlo Ubbiali.

TAGLIAVINI, Carlo. *Orígenes de las lenguas neolatinas*: introducción a la filología romance. Trad. Juan Almela. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1993.

THOMASON, Sarah G. Language contact. *International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences*, ed. By Neil J. Smelser and Paul B. Baltes, 8325-8329 (Pergamon), 2001.

_____, Sarah. G. **Language Contact**. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 2001.

VARELA, Francisco J.; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. *A mente incorporada*: ciências cognitivas e experiência humana. Porto Alegre: ArtMed, 2003.

VASCONCELOS, Carolina Micahêlis de. (1911/1912/1913[1956]). Lições de filologia portuguesa. *Revista de Portugal*, Lisboa.

Wagley, Charles e Galvão, Eduardo - Os índios Tenetehara (Uma Cultura em Transição) . Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro, 1955, p.8.

WINFORD, Donald. Uma Introdução à Linguística de Contato. Oxford, Malden, MA: Blackwell, 2003.

WEINREICH, Uriel. **Languages in contact**: Finding and problems. New York: Linguistic Circle of New York, 1953.

Dietrich, Wolf (1990). *More Evidence for an Internal Classification of Tupi-Guarani Languages*. Berlim: Mann.

_____. *Linguística Ameríndia Sudamericana*. Disponível em: <<http://www.uni-muenster.de/Romanistik/Organisation/Lehrende/Dietrich/LingAmerSud/>> . Acesso em 11 jan. 2010.